

Ministério da Saúde
Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva

REVISTA BRASILEIRA DE CANCEROLOGIA

Anais da II Jornada das Ligas Acadêmicas de Medicina da Universidade Federal do Delta do Parnaíba
Revista Brasileira de Cancerologia 2021; 67.3 (Suplemento 1)



67 ³

Objetivo da Revista

A Revista Brasileira de Cancerologia (RBC) é o periódico oficial de divulgação técnico-científica do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). Seu principal objetivo é a disseminação do conhecimento sobre o câncer, colaborando para a troca de experiência entre profissionais e pesquisadores do Brasil e do mundo.

Título da Revista

Revista Brasileira de Cancerologia

Título abreviado

RBC

ISSN

0034-7116

Modelo de publicação

Acesso livre

Revisão por pares

Avaliação duplo-cega

Licença

(CC-BY) (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>)

Frequência da publicação

Trimestral

Meio da publicação

Eletrônica

Página da Revista

<http://www.inca.gov.br/rbc/>

Editoras-chefes

Anke Bergmann, Editora-Científica
Letícia Casado, Editora-Executiva

Editores-Associados

Claudio Gustavo Stefanoff
Daniel Cohen Goldemberg
Fernando Lopes Tavares de Lima
Jeane Glaucia Tomazelli
Lívia Costa de Oliveira
Mário Jorge Sobreira da Silva

RESUMOS

II Jornada das Ligas Acadêmicas de Medicina da Universidade Federal do Delta do Parnaíba

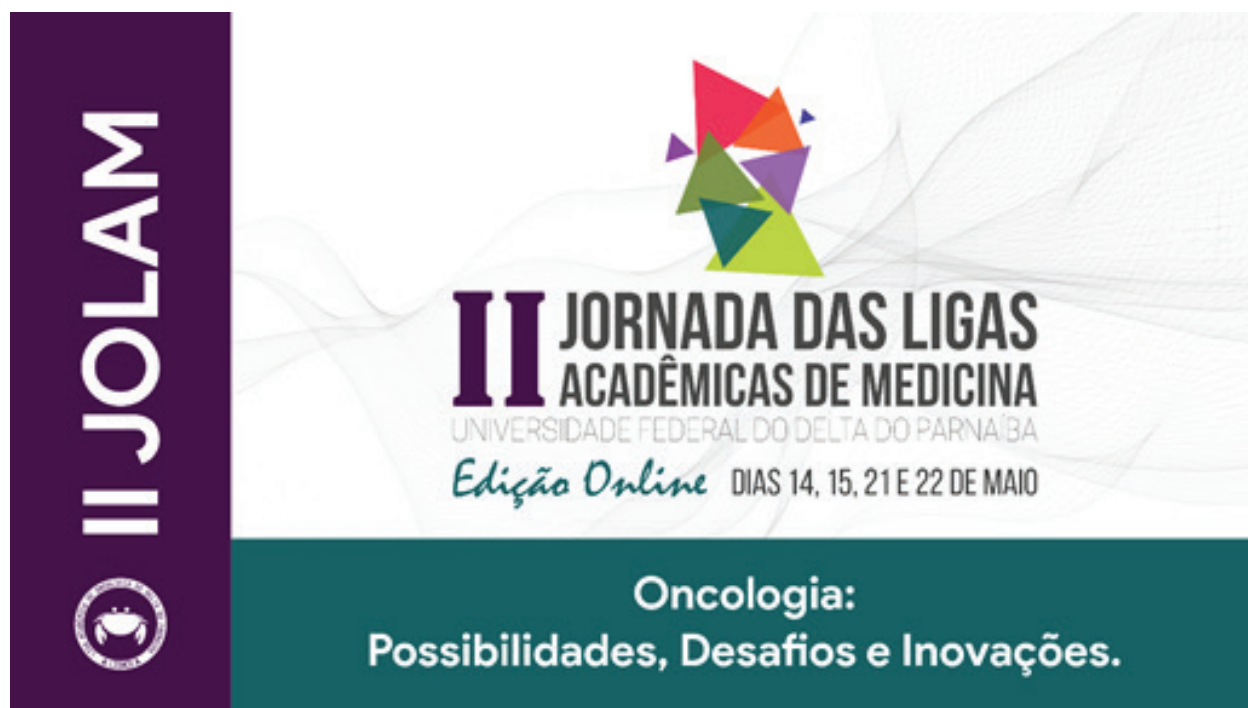
Data/Período: Dias 14, 15, 21 e 22 de maio de 2021

Edição on-line

Aviso

Este suplemento foi criado por meio de um entendimento entre a Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr) e a Revista Brasileira de Cancerologia (RBC). À Comissão Organizadora, cabe a responsabilidade pelo conhecimento científico de todo o teor publicado neste suplemento. Todos os autores são responsáveis pelas opiniões emitidas e pelo conteúdo de seus resumos. A RBC adota a licença *Creative Commons* (CC-BY) (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>) e a política de acesso aberto, portanto, os textos ficarão disponíveis para que qualquer pessoa leia, baixe, copie, imprima, compartilhe, reutilize e distribua, com a devida citação da fonte e autoria. Nestes casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

MINISTÉRIO DA SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA



II Jornada das Ligas Acadêmicas de Medicina da Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Data/Período: Dias 14, 15, 21 e 22 de maio de 2021
Edição on-line

Tema central: "Oncologia: Desafios, Possibilidades e Inovações".

Breve Apresentação

A Jornada das Ligas Acadêmicas de Medicina (JOLAM) foi idealizada com o intuito de reunir todas as ligas acadêmicas vinculadas ao Curso de Medicina da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPa) em um evento anual destinado a expor a importância desses projetos como estratégias protagonizadas por discentes e supervisionadas por docentes para aproximar o estudante da prática de atenção à saúde e alcançar a indissociabilidade do tripé da formação acadêmica (ensino, pesquisa e extensão), incluindo interação ativa com usuários e profissionais e fortalecimento do vínculo da formação acadêmica com as necessidades sociais da saúde. Após o sucesso absoluto da primeira edição da JOLAM e diante da impossibilidade de realização do evento de forma presencial pelo contexto sanitário vivido atualmente, a II JOLAM surge com uma proposta ainda mais inovadora e relevante. O objetivo do evento se expande e busca elevar os padrões dos eventos acadêmicos desenvolvidos na cidade de Parnaíba, Piauí, ao ampliar o acesso ao evento em seu formato on-line. No ano de 2021, em sua segunda edição, o tema norteador da JOLAM foi "Oncologia: Desafios, Possibilidades e Inovações". Esse tema, relevante e abrangente, possibilitou a realização de palestras e discussões sobre as diversas áreas da Oncologia e atualidades no cuidado oncológico; dando ênfase ao impacto causado pelas mudanças que afetam a vida das populações assistidas pelos sistemas de saúde. Desse modo, o objetivo da II JOLAM foi ampliar o

acesso às informações e conhecimentos científicos nas diversas áreas do campo da Oncologia, divulgando a contribuição das ligas acadêmicas de medicina do Curso de Medicina da Universidade Federal do Delta do Parnaíba para o meio acadêmico e para a comunidade parnaibana, cenário estadual e cenário nacional.

Data das apresentações dos Trabalhos Científicos: 19 a 22 de maio.

Formato: Temas Livres (Apresentação Oral).

Coordenação:

Franciele Basso Fernandes Silva (Coordenadora-geral)

Nereu Bastos Teixeira Costa (Subcoordenador)

Diretoria:

Pedro Henrique dos Santos Silva (Presidente)

Victor Trindade da Cruz (Vice-presidente)

Andressa Carvalho Pereira (Diretora de Pesquisa)

Isaac Vasconcelos Barbosa (Diretor de Extensão)

Rafael Santos Correia (Diretor de Ensino)

Comissão de Ensino:

Ana Júlia Sousa da Costa

Cláudio Vinícius Barroso Queirós de Lima

Maria Beatriz Pereira de Paula Rocha

Vinicius Souza Freires

Comissão de Pesquisa:

Davi Machado Thomaz Vasconcelos

Bianca Lopes Cacau

Natalya de Carvalho Lima

Sarah da Conceição rLam

Comissão de Logística:

Caio Henrique Cortês Leal da Costa

Carlos Antônio Soares de Sousa Filho

Giordano Bruno Reis Lourenço

Julianna Pereira Costa Maia

Luis Antonio de Carvalho Tourinho Filho

Alysson Leunam Meneses Vasconcelos

Comissão de *Marketing*:

Bruna Maria de Carvalho Pereira

Felipe Henzo Carvalho Cerqueira

Francisco Enson Souza Gomes

Francisco Lukas Rodrigues Martins

Isabella Cabral Ferraz

Madelyne Alice Ramos Brito

Avaliação de Trabalhos:

Ana Jérsia Araújo

Andressa Ferreira da Silva Spyrides

Angélica Consalter

Barbara Paula dos Santos Batista

Belize Rodrigues Leite

Daniela Araujo de Sousa

Elias Borges do Nascimento Junior

Felipe Gomes Ferreira Padilha

France Keiko Nascimento Yoshioka

Franciele Basso Fernandes Silva

Francy Waltília Cruz Araújo

Giovanny Rebouças Pinto

José Lopes Pereira Júnior

Juliana Félix de Melo

Karina Rodrigues dos Santos

Káritta Raquel Lustoza da Costa

Klinger Antonio da Franca Rodrigues

Leonardo Peres de Souza

Luciana Rocha Faustino

Maria Gabriela Araújo Mendes

Renata Pereira Nolêto

Sara Sabrina Vieira Cirilo

PROGRAMAÇÃO

II JORNADA DAS LIGAS ACADÊMICAS DE MEDICINA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA

14, 15,
21 e 22
de maio

Programação:

14 de maio
18:20



Palestra: 

Oncologia: desafios, possibilidades e inovações.

Palestrante:
Dr. Nereu Bastos Teixeira Costa (UFDFPar).

14 de maio
19:15



Palestra: 

O paciente oncológico e as síndromes paraneoplásicas.

Palestrante:
Dr. Thiago Santos Lima Almendra (UFDFPar).

14 de maio
20:10



Palestra: 

Distanásia, eutanásia e ortotanásia: abordagem ao paciente oncológico terminal

Palestrante:
Dra. Caroline Souza dos Anjos (USP - Ribeirão Preto).

15 de maio
18:00



Palestra: 

Transtornos psiquiátricos na oncologia.

Palestrante:
Dra. Ana Lúcia Paya Benito (SBPO).

15 de maio
18:55



Palestra: 

Manejo das urgências oncológicas.

Palestrante:
Dra. Jule Rouse de Oliveira Gonçalves Santos (UNICEPLAC).

 **Palestras 100% on-line com temática relacionada à oncologia.**

 **Certificação emitida pela Universidade Federal do Piauí.**

 **Submissão e apresentação de trabalhos científicos.**



Universidade Federal do
Delta do Parnaíba



REVISTA
BRASILEIRA DE CANCEROLOGIA

7

II JORNADA DAS LIGAS ACADÊMICAS DE MEDICINA UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA

14, 15,
21 e 22
de maio

Programação:

21 de maio
18:00



Palestra:

Achados clínicos e neurorradiológicos das principais facomatoses.

Palestrante:
Dr. Giuliano da Paz Oliveira (UNIFESP).

21 de maio
18:55



Palestra:

Epidemiologia e diagnóstico do câncer de mama.

Palestrante:
Dra. Caroline Camargo Bandeira da Silveira Luz (UNIFESP).

21 de maio
19:50



Palestra:

Câncer de pele, sua importância e prevalência.

Palestrante:
Dr. Fernando Aguiar Luz (UFDPar).

22 de maio
18:00



Palestra:

As principais neoplasias infantojuvenis, sua epidemiologia e abordagem.

Palestrante:
Dra. Lorena Amaral Almeida e Silva (UNIFESP).

22 de maio
18:55



Palestra:

Repercussões cardiovasculares do tratamento oncológico.

Palestrante:
Dra. Thais de Carvalho Vieira (SBC).

22 de maio
19:50



Palestra:

Os desafios dos tumores ósseos.

Palestrante:
Dr. Deodato Narciso de Oliveira Castro Neto (UFDPar).



Palestras 100% on-line com temática relacionada à oncologia.



Certificação emitida pela Universidade Federal do Piauí.



Submissão e apresentação de trabalhos científicos.



Universidade Federal do
Delta do Parnaíba



II JORNADA DAS LIGAS
ACADÊMICAS DE MEDICINA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA



RBC REVISTA
BRASILEIRA DE CANCEROLOGIA

A Evolução e os Desafios do Tratamento do Osteossarcoma

Luciana Eda Maximiano Hasegawa¹; José Vitor Mota de Moura Silva²; Juliana Lyra Pereira³; Alysson Santos Alves⁴;
Deodato Narciso de Oliveira Castro Neto⁵

Introdução: O osteossarcoma é o tumor ósseo maligno mais comum, principalmente em crianças e adolescentes. As regiões mais acometidas são o fêmur distal, a tíbia e o úmero proximais e o seu quadro clínico se caracteriza por dor, edema, limitação dos movimentos articulares e, eventualmente, fratura patológica. O tratamento atual demanda uma abordagem multidisciplinar envolvendo diversas especialidades médicas e a integração de diferentes procedimentos.

Objetivo: Analisar o desenvolvimento dos tratamentos para o osteossarcoma e seus impactos na sobrevida dos pacientes.

Método: Realizou-se uma revisão bibliográfica de literatura com os descritores “osteossarcoma”, “metástase neoplásica” e “quimioterapia combinada”, publicados entre 2016 e 2021, na base de dados PubMed. **Resultados:** O tratamento para osteossarcoma, antes de 1970, era a amputação e possuía uma sobrevida extremamente baixa. Atualmente, o tratamento engloba a ressecção cirúrgica dos locais detectáveis do tumor, juntamente com a quimioterapia sistêmica, o que permite que os pacientes não necessitem da amputação e possam ter a reconstrução com a preservação do membro. Assim, observa-se uma maior sobrevida livre de eventos durante 5 anos em cerca de 70% dos pacientes com osteossarcoma localizado. **Conclusão:** O tratamento de osteossarcomas teve importantes evoluções ao longo do tempo impactando tanto a sobrevida quanto a qualidade de vida dos pacientes. Entretanto, vale ressaltar que os pacientes com doença metastática ou recorrente ainda possuem taxa de sobrevida muito baixa. Portanto, observa-se uma carência de novas terapêuticas e estudos visando a melhorar a taxa de sobrevida nesses casos.

Palavras-chave: Osteossarcoma; Metástase Neoplásica; Quimioterapia de Combinação.

¹Instituição de Ensino Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP). Parnaíba (PI), Brasil. E-mail: lu.emhasegawa@gmail.com

²⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

²E-mail: jvmmsacad@gmail.com

³E-mail: jlpereira.box@icloud.com

⁴E-mail: alyssonalvez002@gmail.com

⁵E-mail: deodatonarciso@hotmail.com

A Importância do Cuidado Humanizado no Tratamento Oncológico Infantil

Anna Gabriella Soares França¹; Vitoria Fossari Geronasso²; Vitória Maria Xavier Silva³; Cláudio Becker Santos⁴

Introdução: O tratamento oncológico adjuvante do câncer infantil atinge não apenas as células cancerosas, como a qualidade de vida da criança com neoplasia maligna. Assim, o cuidado humanizado a elas é indispensável para proporcionar uma catarse emocional. **Objetivo:** Demonstrar a relevância da assistência humanizada às crianças em tratamento oncológico, investigando seus impactos na vida infantil. **Método:** Esta revisão de literatura foi baseada na seleção e estudo criterioso de 5 artigos, publicados em inglês e português, nos últimos 5 anos, encontrados nos bancos de dados: PubMed e Lilacs, relacionados com o cuidado humanizado e o câncer infantil. **Resultados:** O tratamento oncológico pediátrico afeta, além do fisiológico, o psicossocial do paciente. Assim, o cuidado humanizado apresenta um avanço no prognóstico, interferindo na qualidade de vida e experienciando, no tratamento, momentos que aliviam a dor. A assistência personalizada e empática cria um vínculo profissional-paciente, gerando sensação de segurança e conforto. Dessa maneira, podemos ver a aceitação e eficácia do tratamento. A procura por uma assemelhação entre o cotidiano da criança com a sua antiga rotina, gerando socialização, reduz o padecimento e mantém a evolução sociocognitiva do infante. Igualmente, dar mais autonomia para o paciente expor seus sentimentos perante o tratamento, fornece o desenvolvimento de estratégias e intervenções. Com isso, diálogo, tratamento singular, demonstração de afeto e atenção expõem melhora no tratamento e fortalecem a criança. **Conclusão:** O tratamento humanizado, portanto, é importante para o bem-estar na pediatria oncológica, sendo o manejo multidisciplinar voltado para o público pueril essencial para criar um ambiente acolhedor.

Palavras-chave: Humanização da Assistência Hospitalar; Oncologia; Pediatria.

¹Universidade Católica de Brasília. Brasília (DF), Brasil. E-mail: annagabisoares@gmail.com

²Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos. Brasília (DF), Brasil. E-mail: vfossari@gmail.com

³Universidade Católica de Brasília. Brasília (DF), Brasil. E-mail: vitoriamariaxaviersilva@gmail.com

⁴Universidade de Passo Fundo (UPF). Quaraí (RS), Brasil. E-mail: drclaudiosbecker@gmail.com

Análise do Acesso à Saúde de Pessoas Acometidas por Câncer durante a Pandemia da Covid-19: Revisão Integrativa

Jonathan Freitas Fernandes¹; Fábio Solon Tajra²

Introdução: A convivência com a pandemia da Covid-19 tem gerado efeitos diversos que inclui a construção de barreiras para o acesso aos serviços de saúde. Se analisarmos os casos de pessoas acometidas por câncer, isso se torna mais complexo. A partir disso, problematizamos: que oportunidades e dificuldades foram geradas no acesso a saúde de pessoas acometidas por câncer durante a pandemia da Covid-19? **Objetivo:** Analisar o acesso a saúde de pessoas acometidas por câncer, bem como as oportunidades e dificuldades vivenciadas durante a pandemia da Covid-19. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa realizada na plataforma Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) a partir dos seguintes descritores: “oncologia”, “acesso aos serviços de saúde” e “infecções por coronavírus”. Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: artigos disponíveis na íntegra, nos idiomas: português ou inglês, publicados nos últimos 2 anos e que respondessem à pergunta disparadora. **Resultados:** A partir da associação dos descritores, foram identificados inicialmente 11 artigos. Contudo, somente 4 artigos atenderam aos critérios de inclusão. Identificamos como oportunidades: utilização de teleatendimento, identificação de serviços essenciais, adoção de protocolos para procedimentos clínicos e intervencionistas e organização dos serviços em redes. Em se tratando das dificuldades, elencamos: recursos limitados para saúde (financeiros, humanos, materiais, insumos e tecnológicos), vulnerabilidade de grupos sociais, interrupção do tratamento de maneira desprogramada, falta de articulação e integração dos serviços. **Conclusão:** A pandemia proporcionou efeito, ainda, imensurável para pessoas que vivenciam câncer. Isso exige a adaptação da organização dos serviços sem comprometer a qualidade de vida e cuidado. **Palavras-chave:** Oncologia; Acesso aos Serviços de Saúde; Infecções por Coronavírus.

¹Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina (PI), Brasil. E-mail: jonathanfernandess@gmail.com

²UFPI. Teresina (PI), Brasil. E-mail: fstajra@ufpi.edu.br

Análise dos Casos de Neoplasia Maligna do Ovário por Faixa Etária entre os Anos de 2016 e 2020 no Estado do Piauí

Martha Laura Leão dos Santos Silva¹; Mikaelly Melgaço Nunes²; Danielle Lais Lopes Barboza³; Caroline Camargo Bandeira da Silveira Luz⁴

Introdução: A segunda neoplasia ginecológica mais comum é a de ovário, com estimativa de incidência em 2020 de 3%, atrás apenas da neoplasia maligna do câncer do colo do útero. Dentre os fatores de risco, destacam-se a idade avançada, nuliparidade, excesso de peso corporal, histórico familiar e genético. O rastreamento do câncer de ovário não é indicado, mas são necessários exames periódicos em mulheres que possuem fatores de risco. **Objetivo:** Analisar o número de casos de neoplasia maligna do ovário por faixa etária entre os anos de 2016 e 2020 no estado do Piauí. **Método:** Estudo epidemiológico quantitativo. As informações foram extraídas da base de dados Painel-oncologia, disponibilizada pelo DATASUS/TABNET. A população do estudo foi composta por todos os casos diagnosticados de neoplasia maligna de ovário entre 2016 e 2020 no Piauí. Os números foram transformados em porcentagem para a melhor compreensão. **Resultados:** Entre os anos observados, havia 33 casos na faixa etária de 0 a 29 anos, constituindo 11% do total, 150 casos entre 30 e 59 anos, representando 52% do total e 103 casos na faixa etária de 60 anos ou mais, equivalente a 36% do total. **Conclusão:** No período observado, as neoplasias ovarianas foram mais prevalentes na faixa etária de 30 a 59 anos. Destaca-se que o caráter assintomático da fase inicial prejudica o bom prognóstico por retardar a identificação. Assim, é necessário que mulheres com fatores de risco sejam acompanhadas periodicamente, sobretudo na faixa etária em que predominam os casos.

Palavras-chave: Neoplasias Ovarianas; Saúde da Mulher; Oncologia.

¹⁻⁴Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: marthalaura928@gmail.com

²E-mail: mikaellymel123@gmail.com

³E-mail: daniellemelaislopes@gmail.com

⁴E-mail: dracarolinesilveira@outlook.com

Análise Epidemiológica Comparativa da Incidência entre os Cânceres Ginecológicos no Estado do Piauí, de 2013 a 2020

Mikaelly Melgaço Nunes¹; Danielle Lais Lopes Barboza²; Martha Laura Leão dos Santos Silva³; Caroline Camargo Bandeira da Silveira Luz⁴

Introdução: O câncer, ou neoplasia maligna, é uma desordem genética ocasionada por mutações do DNA adquiridas espontaneamente ou induzidas por agressões ambientais. As neoplasias malignas analisadas neste estudo são as de vulva, vagina, ovário, colo uterino e corpo uterino. **Objetivo:** Analisar comparativamente a epidemiologia da incidência entre os tipos de cânceres ginecológicos no estado do Piauí, de 2013 a 2020. **Método:** Trata-se de um estudo quantitativo, epidemiológico e transversal da incidência dos tipos de cânceres ginecológicos no Piauí, no período de 2013 a 2020, tendo como variáveis: tipo de neoplasia, faixa etária e ano do diagnóstico. Para isso, foram utilizados dados da base DATASUS, através do Painel-Oncologia. **Resultados:** No período estudado, notificou-se: 42 casos de neoplasias malignas de vulva, 52 de vagina, 2081 de colo uterino, 264 de corpo uterino e 435 de ovários. A faixa etária que mais apresentou diagnóstico positivo para as diferentes formas de neoplasia foi das mulheres entre 55 e 59 anos, com cerca de 340 casos (11,82%). A partir de uma comparação nacional, o Piauí apresenta cerca de 1,7% (2876) dos casos de cânceres ginecológicos do Brasil (167.029), coincidindo com o estado em relação à maior incidência de neoplasia maligna de colo uterino. **Conclusão:** Dada a alta incidência das neoplasias de colo do útero e de ovários torna-se perspicuo a necessidade de uma análise dos casos de neoplasia ginecológica no estado do Piauí, possibilitando um planejamento de medidas de saúde públicas a fim de obter o aumento gradual da eficácia dos diagnósticos e dos tratamentos. **Palavras-chave:** Neoplasias dos Genitais Femininos; Epidemiologia; Oncologia.

¹⁻⁴Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina (PI), Brasil.

¹E-mail: mikaellymel123@gmail.com

²E-mail: daniellelaislopes@gmail.com

³E-mail: marthalaura928@gmail.com

⁴E-mail: carolinecbsilveira@gmail.com

Análise Epidemiológica Comparativa entre o Número de Diagnósticos de Neoplasias Malignas da Próstata e de Prostatectomias em Oncologia, no Estado do Piauí, no Período de 2016 a 2020

José Freire Furtado Neto¹; Gildemar da Silva Lustosa Júnior²; Felipe Henzo Carvalho Cerqueira³; João Vitor Teixeira Freire de Oliveira⁴; Sara Batista Lima⁵

Introdução: O câncer de próstata é a principal neoplasia maligna no sexo masculino, depois do câncer de pele não melanoma. O tratamento com maior chance de sobrevida entre os pacientes com esse tipo de neoplasia se dá de forma multimodal, representado principalmente por radioterapia e prostatectomia radical. **Objetivo:** Relacionar a incidência de neoplasias malignas da próstata (NMP) com o número declinante de casos de prostatectomias por motivos oncológicos. **Método:** Trata-se de um estudo observacional, quantitativo, retrospectivo e epidemiológico cujas informações foram coletadas no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), a partir do programa TABNET. Os dados são referentes ao Estado do Piauí, correspondem ao período de 2016 a 2020 e incluem o número de diagnósticos de NMP, colhidas do Painel-Oncologia, e a contagem de internações referentes a prostatectomias realizadas por etiologia oncológica. **Resultados:** Conforme o DATASUS, durante esse período, a incidência de neoplasias malignas da próstata diminuiu 50,73%, correspondendo a um decréscimo de 173 casos diagnosticados, entre os anos 2016 (341 casos) e 2020 (168). Contudo, quando se compara com os números de internações por prostatectomia em oncologia, tem-se uma redução abrupta equivalente a 83,47% dentre esse mesmo período, decaindo de 115 casos em 2016 para 19 em 2020. **Conclusão:** No período de 2016 a 2020 houve redução da incidência do diagnóstico de NMP e da indicação de prostatectomia radical. Pode-se inferir que os pacientes estão sendo diagnosticados em estágio mais avançado da doença ou que outras modalidades terapêuticas na doença localizada estão sendo mais utilizadas. **Palavras-chave:** Epidemiologia; Neoplasias Malignas de Próstata, Prostatectomia em Oncologia.

¹⁻³Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: jfreirefn@ufpi.edu.br

²E-mail: gildemarlustosa@ufpi.edu.br

³E-mail: felipehenzo@live.com

⁴Centro Universitário Uninovafapi. Teresina (PI), Brasil. E-mail: jvtfo17@gmail.com

⁵Hospital Beneficência Portuguesa. São Paulo (SP), Brasil. E-mail: sarabatistalima@gmail.com

Análise Epidemiológica da Mortalidade por Neoplasias da Faixa Etária dos 0-14 Anos do Piauí em Contraste com a Região Nordeste entre os Anos 2015 e 2019

Bruna Maria de Carvalho Pereira¹; Martha Laura Leão dos Santos Silva²; Camila Maria de Carvalho Pinho Ferreira³; Jhonantas Henrique Brito Santos⁴; Laise Cajubá Almeida Britto⁵

Introdução: No Brasil, observa-se que, entre a faixa etária dos 0-29 anos, as neoplasias configuram-se como a segunda maior causa de óbitos. De 2009 a 2013, verificou-se o aumento na tendência da taxa de mortalidade por neoplasias na região nordeste entre a faixa etária de 0-14 anos. **Objetivo:** Analisar a quantidade de óbitos em decorrência de neoplasias no estado do Piauí e comparar com a região Nordeste. **Método:** Estudo epidemiológico, com informações extraídas da base de dados Mortalidade, disponível por meio do DATASUS/TABNET. O grupo estudado foi constituído por pessoas entre 0 e 14 anos que morreram em decorrência de neoplasias nos anos de 2015 a 2019 no Piauí e no Nordeste. **Resultados:** Em 2015, o estado do Piauí representou 8,4% do total de mortalidade por neoplasia em contraste com a região Nordeste, a qual totalizou 596 óbitos por essa causa. Em 2016, a porcentagem foi de 7,4%. No ano de 2017, representou 7,4%. No ano seguinte, em 2018, o Estado fez parte de 7,86% do total da região. Em 2019, o Piauí alcançou 8,66% dos óbitos do Nordeste. **Conclusão:** Percebe-se que, apesar de variações nas taxas, em 2019 houve aumento dos números em relação a 2015. Nessa perspectiva, as informações dos registros de câncer são fundamentais para a estimativa de incidência e conseqüentemente para o enfrentamento da doença nessa população pediátrica, além de permitir detecção precoce para prevenção e tratamentos menos agressivos com maior chance de cura. **Palavras-chave:** Neoplasias; Mortalidade da Criança; Saúde do Adolescente.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPa). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: brunaluna.bc@gmail.com

²E-mail: marthalaura928@gmail.com

³E-mail: cm830053@gmail.com

⁴E-mail: jhonantas.brito@gmail.com

⁵E-mail: laisecajuba@yahoo.com.br

Análise Epidemiológica de Pacientes Submetidos à Cirurgia para Retirada de Carcinoma Gástrico no Nordeste no Período de 2016 a 2020

Andreza Maria Almeida Campos¹; Nataniel França Carvalho²; Roberto Augusto Lopes Cajubá de Brito³; Beatriz Andrade Varella⁴; Antonino Neto Coelho Moita⁵

Introdução: O câncer de estômago corresponde à quarta neoplasia mais frequente no mundo e à segunda causa de morte por câncer. Dentre os fatores de risco comuns associados, se pode citar a idade avançada, infecções por *Helicobacter pylori*, gênero masculino, dietas ricas principalmente em embutidos, tabagismo, fatores hereditários, entre outros. A conduta que apresenta um papel fundamental no tratamento do câncer gástrico é a cirúrgica. **Objetivo:** Desenvolver uma análise epidemiológica dos pacientes submetidos à cirurgia oncológica como tratamento para o câncer gástrico, no Nordeste, entre os anos 2016 e 2020. **Método:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, quantitativo e retrospectivo. Na coleta de dados utilizou-se a plataforma DATASUS/Tabnet, investigando a prevalência por faixa etária, sexo, região de tratamento (Nordeste) e da modalidade terapêutica- cirurgia. **Resultados:** Foram contabilizados 2153 casos, conferindo, frente ao cenário nacional, 23,04% do total (9342 cirurgias). Foi observado, também, que 1341 casos ocorreram em pacientes do sexo masculino (62,28%). No que concerne à faixa etária, pacientes entre 65 e 69 anos foram responsáveis pelo número mais expressivo de cirurgias, 298 (13,42%). **Conclusão:** O Nordeste, em relação ao cenário nacional, apresenta uma quantidade expressiva de casos que abordam a cirurgia como tratamento para câncer gástrico. A prevalência, quanto ao sexo, se dá em pacientes homens. A faixa etária mais prevalente é a dos indivíduos entre 65 e 69 anos, o que indica uma relação direta com a presença dos agravantes a longo prazo, como alimentação, hábitos sedentários e tabagismo, por exemplo.

Palavras-chave: Epidemiologia; Prevalência; Câncer Gástrico; Cirurgia.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: andrezacampos@ufpi.edu.br

²E-mail: natanielfrancaacad@gmail.com

³E-mail: robertoaugustophb@hotmail.com

⁴E-mail: beatrizvarella21@gmail.com

⁵E-mail: antonino_moita@hotmail.com

A Pandemia da Covid-19 e o Rastreamento do Câncer de Colo do Útero no Estado do Piauí

Ana Júlia Sousa da Costa¹; Julianna Pereira Costa Maia²; Caio Henrique Cortês Leal da Costa³; Francisco Enson Souza Gomes⁴; Franciele Basso Fernandes Silva⁵

Introdução: Um em cada três países interrompeu parcial ou totalmente os serviços oncológicos devido à mobilização e às restrições contra a pandemia. O câncer do colo uterino é o terceiro tipo mais frequente em mulheres no Brasil e o segundo na região Nordeste, podendo ser prevenido e apresentar altas taxas de cura com o diagnóstico precoce. **Objetivo:** Comparar o quantitativo de exames colpocitológicos realizados no estado do Piauí entre o período pré-pandêmico e durante a pandemia por Covid-19. **Método:** Trata-se de um estudo epidemiológico com dados secundários obtidos através do Sistema de Informação do Câncer (SISSCAN), referentes aos exames colpocitológicos realizados entre 2019 e 2020 no estado do Piauí, relacionando com a faixa etária. **Resultados:** Houve um total de 89.116 exames colpocitológicos realizados na população-alvo nesse período, sendo 62.374 em 2019 e 26.742 em 2020. Observou-se um decréscimo de 57,1% no número de exames em 2020 quando comparado com o ano anterior. Quanto à faixa etária, todas as faixas incluídas no rastreamento apresentaram queda em 2020 de pelo menos 54%, com destaque para a faixa entre 25 e 39 anos, com redução maior que 59%. A faixa etária de 30 a 39 foi a segunda que mais realizou exames em 2019 e primeira em 2020, apesar de queda quantitativa observada. **Conclusão:** A redução da realização de exames colpocitológicos em 2020 no Piauí demonstra o impacto negativo da pandemia de Covid-19 no rastreamento da doença. Esse fenômeno sugere um futuro repleto de diagnósticos tardios e de piores prognósticos frente ao câncer. **Palavras-chave:** Neoplasias do Colo do Útero; Pandemia; Epidemiologia.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: annajulliacosta17@gmail.com

²E-mail: jhumaia@gmail.com

³E-mail: caiocortesleal@gmail.com

⁴E-mail: ensongomes1@gmail.com

⁵E-mail: francibasso2@hotmail.com

Análise Epidemiológica dos Números de Óbitos por Neoplasia Maligna de Traqueia, Brônquios e Pulmões entre os Anos de 2010 e 2019 no Piauí

Francisco Nogueira do Rego Neto, Alice Kellen da Silva, Ingrid Brandão Cardoso Paz, Ivy Louise Carvalho Barbosa Barros, Ivan Rodrigues Silva

Introdução: A neoplasia maligna de traqueia, brônquios e pulmões foi apontada como a sexta principal causa de óbitos mundialmente. Desta forma, é mister analisar a epidemiologia dessas ocorrências. **Objetivo:** Realizar delineamento epidemiológico dos óbitos por Neoplasia Maligna de traqueia, Brônquios e Pulmões no Piauí de 2010 a 2019. **Método:** Estudo quantitativo, retrospectivo e descritivo sobre óbitos, pela lista de morbidade CID-10, por Neoplasia Maligna de traqueia, Brônquios e Pulmões no Piauí entre 2010 e 2019. Os dados foram coletados no Sistema de Informação sobre Mortalidade, banco do DATASUS, e tabulados no Microsoft Excel®, analisando-se as variáveis: sexo, faixa etária, raça/cor e região de saúde. **Resultados:** De 2010 a 2019, o Piauí registrou 609 óbitos por neoplasia maligna de traqueia, brônquios e pulmões, com prevalência do sexo masculino, representando 57,9% (353) dos óbitos, em relação ao feminino, com 256 (42%). Quanto à faixa etária, houve maior incidência no grupo de 60 a 69 anos, com 214 óbitos, seguido pelo de 70 a 79, com 139. No tocante à cor/raça, destaca-se a parda como a de maior prevalência, com 563 óbitos, seguida pela preta, com 15. Referindo-se à região de saúde, a região com maior registro de óbitos foi a entre rios, com 587, seguida pela planície litorânea, com 9. **Conclusão:** Portanto, conclui-se que os óbitos por neoplasia maligna de traqueia, brônquios e pulmões acometem mais homens. Ademais, grupos de idosos e pessoas de pele parda possuem maior prevalência, bem como, a região mais acometida é entre rios.

Palavras-chave: Neoplasias Pulmonares; Neoplasias Brônquicas; Neoplasias da Traqueia; Epidemiologia.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar), Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: nogueirarego@ufpi.edu.br

²E-mail: alicekellen@ufpi.edu.br

³E-mail: ingridbrandaoc@gmail.com

⁴E-mail: ivybarros14@ufpi.edu.br

⁵E-mail: ivandoctor@gmail.com

Análise Epidemiológica dos Óbitos por Câncer de Pele no Piauí nos Anos de 2015 a 2019

Ingrid Brandão Cardoso Paz¹; Cláudio Vinícius Barroso Queirós de Lima²; João Victor Carvalho Barbosa³; Paulo César Monteiro Florêncio⁴; Ivan Rodrigues Silva⁵

Introdução: O câncer de pele é a neoplasia mais frequente no mundo, apresentando um mau prognóstico quando não diagnosticado em tempo hábil. O melanoma maligno, devido ao seu grande potencial metastático, possui grande importância epidemiológica e sanitária. **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico dos óbitos por câncer de pele no Piauí, de 2015 a 2019. **Método:** Trata-se de um estudo epidemiológico quantitativo, observacional e transversal com dados secundários do DATASUS, através do Sistema de Informações sobre Mortalidade. Foram coletados dados referentes aos óbitos por câncer de pele no Piauí de 2015 a 2019, sendo analisados por ano de ocorrência e sexo. **Resultados:** No período analisado, foram registrados 36 óbitos por câncer de pele no Piauí. O ano de 2015 apresentou o maior quantitativo, com 16 casos, seguido por 2016 (11), 2017 (4), 2019 (3) e 2018 (2). Homens foram os mais acometidos, com 27 casos, contra 9 de mulheres. Os anos de 2015 e 2016 apresentaram as maiores diferenças entre os sexos, com 12 e 9 casos para homens e 4 e 2 para mulheres, respectivamente. Somente no ano de 2018 o número de óbitos para ambos os sexos foi igual e os casos em mulheres não superaram o valor em homens em nenhum momento no período. **Conclusão:** Embora seja uma doença frequente, observou-se diminuição do número de óbitos no Piauí por câncer de pele no período analisado. Tal fato pode estar relacionado à melhoria das ações diagnósticas ou à subnotificação da doença, havendo necessidade de novas análises.

Palavras-chave: Neoplasias cutâneas; Epidemiologia; Sistema de Informações Hospitalares do SUS.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: ingridbrandaoc@gmail.com

²E-mail: cld.vinicius99@gmail.com

³E-mail: joaovictorcarvalhob@gmail.com

⁴E-mail: pcmflorencio@gmail.com

⁵E-mail: ivandoctor@gmail.com

Caracterização dos Casos de Neoplasia Maligna do Encéfalo Diagnosticados no Estado do Piauí no Período de 2016 a 2020

Ester Almeida de Sousa¹; Giovanna Stefanne Lopes Barbosa²; Mariana Veras Rocha Borges³; Victoria Borges Soares⁴; Sarah Nilkece Mesquita Araujo Nogueira Bastos⁵

Introdução: Neoplasia maligna do encéfalo é uma neoplasia das partes intracranianas do sistema nervoso central. É subdividido em tumores cerebrais primários, os quais raramente são benignos e tumores cerebrais secundários.

Objetivo: Caracterizar os casos de Neoplasias Malignas do Encéfalo diagnosticadas no Estado do Piauí no período de 2016 a 2020, quanto ao crescimento anual dos casos e a faixa etária dos pacientes. **Método:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, com dados secundários obtidos no sistema DATASUS na categoria Epidemiológicas e Morbidades (Painel – oncologia). A amostra desse estudo foi constituída por todos os registros de diagnósticos de Neoplasia Maligna do Encéfalo elencadas nesse sistema entre os anos de 2016 e 2020 no Piauí. A análise dos dados se deu por meio do Programa Microsoft Excel. **Resultados:** No período analisado observou-se a incidência de 396 novos casos de neoplasia maligna do encéfalo. Constatou-se também um crescimento de 16,3% (8) dos casos do ano de 2016 para 2017; 26,3% (15) de 2017 para 2018; 26,4% (19) de 2018 para 2019 e 39,5% (36) de 2019 para 2020. Quanto à faixa etária, a maior incidência foi em pacientes entre 60 e 69 anos (19,9%), seguida por 50 a 59 anos (19,6%), 40 a 49 anos (15,4%), 0 a 19 anos (15,2%), 30 a 39 anos (13,9%), 20 a 29 anos (8,8%), 70 a 79 anos (6,3%) e 80 anos e mais (0,8%). **Conclusão:** Observa-se uma tendência de crescimento expressiva dos casos de neoplasia encefálica, além da prevalência desses casos em pessoas na idade adulta.

Palavras-chave: Neoplasias; Neoplasias Encefálicas; Encéfalo.

¹⁻⁴Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: esterprs043@gmail.com

²E-mail: gistefanne@gmail.com

³E-mail: mariana_vrborges@hotmail.com

⁴E-mail: victoriaborgessoares@gmail.com

⁵Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina (PI), Brasil. E-mail: sarahnilkece@hotmail.com

Desafios da Oncologia Pediátrica durante a Pandemia da Covid-19: uma Revisão Integrativa

Lilian Jacaúna Lopes¹; Rafael Grilo Pestana Bittar²; Joyce Luana Silva Moraes³; Juliana de Castro Vilanova⁴; Laíse Cajubá Almeida Britto⁵

Introdução: A pandemia do novo coronavírus, desde o início de 2020, tem afetado muitos setores da prestação de serviço em saúde. A preocupação de pacientes devido às medidas de isolamento social tem afetado a eficiência do cuidado em diversas áreas médicas. No contexto oncológico, em que a eficácia está diretamente relacionada ao tratamento precoce, essa situação torna-se ainda mais importante. **Objetivo:** Revisar a literatura científica acerca dos desafios da oncologia pediátrica durante a pandemia da Covid-19. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura baseada na busca sistemática nas bases Lilacs, PubMed e SciELO, através dos descritores: oncologia pediátrica, Covid-19, coronavírus, saúde da criança e pandemia, combinados dois a dois pelo operador booleano AND. Foram incluídos artigos publicados a partir de 2019, nos idiomas português e inglês. **Resultados:** Apesar de a mortalidade da Covid-19 ser substancialmente mais baixa em crianças, há uma preocupação sobre o efeito da pandemia no acesso ao sistema de saúde da população oncopediátrica. Foram observados em vários países o adiamento ou atraso nas consultas de vigilância, procedimentos ambulatoriais, cirurgias de câncer, radioterapia, transplante de células-tronco e cuidados paliativos, modificação dos regimes de quimioterapia devido à escassez de medicamentos e redução da equipe por causa de infecção ou quarentena por Covid-19. **Conclusão:** Os resultados enfatizam aumento nos atrasos e interrupções do tratamento oncológico de pacientes pediátricos, o que apresenta impacto direto no prognóstico desses indivíduos. Assim, são necessários estudos com maior qualidade metodológica para estimar os impactos desse atraso e delinear estratégias para mitigar seus efeitos.

Palavras-chave: Infecções por Coronavírus; Saúde da Criança; Oncologia.

^{1,2,3,5}Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: lilianjacaunal@gmail.com

²E-mail: bittarrafael@hotmail.com

³E-mail: joyce.ph.bj@gmail.com

⁴Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP). Parnaíba (PI), Brasil. E-mail: jvilanova18@gmail.com

⁵E-mail: laisecajuba@yahoo.com.br

Diagnóstico do Câncer de Próstata e a Pandemia da Covid-19: Panorama da Região Nordeste do Brasil

Madelyne Alice Ramos Brito¹; Victor Trindade da Cruz²; Isaac Vasconcelos Barbosa³; Carlos Antônio Soares de Sousa Filho⁴; Franciele Basso Fernandes Silva⁵

Introdução: O câncer de próstata (CP), com exceção dos cânceres de pele não melanoma, é a neoplasia mais comum em homens no Brasil, sendo esperados 65.840 novos casos para cada ano do triênio 2020-2022. A pandemia de Covid-19 alterou a rotina dos sistemas de saúde, trazendo também impactos sobre os diagnósticos dessa neoplasia. **Objetivo:** Investigar o impacto da pandemia da Covid-19 sobre a identificação de novos casos de CP na região Nordeste do Brasil.

Método: Estudo epidemiológico retrospectivo, quantitativo e descritivo atinente ao efeito da pandemia no diagnóstico de CP no Nordeste brasileiro, entre 2019 (anterior à pandemia) e 2020 (durante a pandemia). As informações foram extraídas do Painel-Oncologia, banco de dados do DATASUS, considerando faixa etária e estado de diagnóstico, por meio da prevalência. **Resultados:** No ano de 2019, foram realizados 10.001 diagnósticos de neoplasia maligna de próstata na região Nordeste, enquanto em 2020 esse valor caiu para 5960. A incidência dessa neoplasia caiu de 38,01 para 22,65 casos para cada 100 mil homens. A faixa etária de 65 a 69 anos foi a mais afetada no período (21,29%) em contraste com a faixa etária de 20 a 24 anos (0,025%). O estado da Bahia teve maior número de diagnósticos no período (36,28% e 32,83%). Em contrapartida, o estado de Alagoas teve o menor índice, 3,27% e 3,23%, respectivamente.

Conclusão: Dentre os impactos oriundos da pandemia de Covid-19, observa-se expressiva redução de diagnósticos de câncer de próstata no Nordeste brasileiro, o que culminará em diagnósticos tardios com piores prognósticos.

Palavras-chave: Epidemiologia; Oncologia; Neoplasias da Próstata.

¹Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP). Parnaíba (PI), Brasil. E-mail: madelynealice2@gmail.com

^{2,3}Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar). Parnaíba (PI), Brasil.

²E-mail: victortrindadedacruz@gmail.com

³E-mail: iv.barbosa123@gmail.com

⁴E-mail: carlos170421@gmail.com

⁵E-mail: francibasso2@hotmail.com

Efeitos Cardiotóxicos Decorrentes de Tratamentos Quimioterápicos em Adultos

Breno Vítor Rodrigues Coqueiro Santana¹; Cláudio Vinícius Barroso Queirós de Lima²; Ian Carlos de Oliveira Andrade³; João Victor Carvalho Barbosa⁴; Elias de Carvalho Magalhães Neto⁵

Introdução: As quimioterapias ampliam a sobrevida do paciente oncológico. Entretanto, esse tratamento possibilita efeitos adversos, como complicações cardíacas decorrentes da cardiotoxicidade. **Objetivo:** Apresentar uma revisão da literatura abordando a relação existente entre o tratamento oncológico e o aparecimento de condições referentes à sua cardiotoxicidade. **Método:** Realizou-se uma revisão de artigos disponíveis nas bases de dados PubMed, SciELO e Lilacs, usando os descritores cardiotoxicidade e câncer. Foram selecionados dez artigos em línguas portuguesa, inglesa e espanhola, publicados de 2016 a 2020. **Resultados:** A cardiotoxicidade pode ser gerada por alterações cardiovasculares induzidas pela quimioterapia. Dessa relação, advém fenômenos tromboembólicos, pericardiopatias, valvulopatias e arritmias. Fármacos antineoplásicos podem ter uma toxicidade dose-dependente e causar danos irreversíveis, bem como promover danos reversíveis, oferecendo possibilidades de recuperação funcional. Concomitantemente, a radioterapia também provoca efeitos secundários cardiotóxicos, como fibrose miocárdica. A presença de mudanças subclínicas podem ser evidenciadas através da ecocardiografia. Assim, essa reforça a importância de se realizarem eletrocardiogramas antes e durante o tratamento. **Conclusão:** Portanto, observa-se íntima relação entre o tratamento oncológico e o posterior desenvolvimento de cardiotoxicidade, em especial referente a farmacoterapia. Assim, o acompanhamento contínuo e rotineiro se mostra essencial, constituindo a forma mais eficaz de mitigar os efeitos quimioterápicos. Por fim, sugere-se realização de mais estudos relacionando o tratamento oncológico e seus efeitos no sistema cardiovascular, a fim de elucidar os mecanismos causadores e, dessa forma, permitir que outras condutas sejam desenvolvidas no futuro. **Palavras-chave:** Cardiotoxicidade; Câncer; Quimioterapia.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

E-mail: brenosantana@ufpi.edu.br

²E-mail: cld.vinicius99@gmail.com

³E-mail: iancoandrade@ufpi.edu.br

⁴E-mail: joaovictorcarvalhob@gmail.com

⁵E-mail: elias.nt@hotmail.com

Fatores de Risco Associados a Eventos Tromboembólicos em Pacientes com Linfomas

Jhonantas Henrique Brito Santos¹; Priscylla Frazão Rodrigues²; Adrielly Cristhine Gonçalves Araújo³; Brenda Larissa Andrade Viana⁴; Érica de Araújo Silva Mendes⁵

Introdução: O tromboembolismo é uma complicação comum em pacientes acometidos por neoplasias. Dentre elas, observa-se que os linfomas são considerados de alto risco para o desenvolvimento de tromboembolismo venoso. A associação desses elementos aumenta consideravelmente a morbimortalidade dos indivíduos. **Objetivo:** Evidenciar, por meio de uma revisão de literatura, os fatores de risco relacionados aos eventos tromboembólicos em pacientes com linfomas. **Método:** Realizou-se uma revisão da literatura nas bases de dados PubMed e MEDLINE, utilizando-se os seguintes descritores na língua inglesa associados ao operador booleano “AND”: tromboembolismo, linfoma e fatores de risco. Selecionaram-se sete artigos em língua inglesa com data de publicação entre 2016 e 2020. **Resultados:** Os fatores de risco gerais para eventos tromboembólicos em indivíduos diagnosticados com algum tipo de linfoma e em tratamento antineoplásico consistem em idade avançada, redução da mobilidade, obesidade, condições de hipercoagulabilidade, existência de comorbidades e o tipo de regime terapêutico adotado. Além disso, observou-se estreita relação entre o estágio avançado do linfoma e o risco elevado de eventos trombóticos, bem como a utilização de cateteres venosos centrais de longa permanência. Considerando-se a localização, verifica-se alto risco para tromboembolismo em casos de linfomas no sistema nervoso central e mediastino, além dos sítios extranodais. **Conclusão:** Muitos dos elementos associados ao tromboembolismo em pacientes com linfomas convergem com outras condições neoplásicas, sendo que alguns fatores de risco evidenciados coincidiram com o Índice de Prognóstico Internacional, escore prognóstico para linfomas agressivos. Recomenda-se um estudo abordando a distinção dos riscos entre os tipos específicos de linfomas. **Palavras-chave:** Tromboembolismo; Linfoma; Fatores de Risco.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: jhonantas.brito@gmail.com

²E-mail: priscyllafraza01995@gmail.com

³E-mail: drikags60@gmail.com

⁴E-mail: brendalarissa.av@gmail.com

⁵E-mail: ericasilva.ma@gmail.com

Diagnóstico de Câncer de Estômago na Região Nordeste do Brasil: um Olhar antes e durante a Pandemia da Covid-19

Julianna Pereira Costa Maia¹; Ana Júlia Sousa da Costa²; Caio Henrique Cortês Leal da Costa³; Francisco Enson Souza Gomes⁴; Franciele Basso Fernandes Silva⁵

Introdução: Em 2020, o Brasil começou a enfrentar a pandemia da Covid-19 e desde então vem passando por diversas transformações em seu sistema de saúde. Nacionalmente, o câncer de estômago é a terceira neoplasia maligna mais frequente em homens e a quarta entre mulheres, demonstrando relevância no estudo da relação entre o quantitativo diagnóstico desse tipo de câncer diante da pandemia e suas restrições. **Objetivo:** Investigar o impacto da pandemia sobre o quantitativo de diagnósticos de câncer de estômago na região Nordeste do Brasil. **Método:** Trata-se de um estudo epidemiológico realizado com dados secundários referentes ao diagnóstico do câncer de estômago em 2019 (antes da pandemia) e 2020 (momento pandêmico), obtidos através do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), tendo como delimitação a região Nordeste do Brasil. Os dados foram analisados de acordo com a variável do sexo. **Resultados:** Em 2019 e 2020, mostrou-se um total de 7.224 diagnósticos de câncer de estômago na região Nordeste, sendo 3.347 (46,33%) casos em 2019 e 3.877 (53,66%) em 2020. Percebeu-se um crescimento de 14,3% entre esses anos. Entretanto, verificou-se uma queda no total de diagnósticos em alguns estados, como Pernambuco (21,8%), Paraíba (17,5%) e Bahia (14,2%). Para 2019 e 2020, a porcentagem de homens foi de 50,31% e 45,47% respectivamente, sendo 49,68% e 54,52% para mulheres. **Conclusão:** Apesar do aumento de diagnósticos de câncer de estômago na Região Nordeste em 2020, nota-se impacto heterogêneo da pandemia de Covid-19 nos estados e gêneros analisados, demonstrando necessidade de estudos mais aprofundados.

Palavras-chave: Neoplasias Gástricas; Epidemia pelo Novo Coronavírus 2019; Detecção Precoce de Câncer.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: jhumaia@gmail.com

²E-mail: annajulliacosta17@gmail.com

³E-mail: caiocortesleal@gmail.com

⁴E-mail: ensongomes1@gmail.com

⁵E-mail: francibasso2@hotmail.com

Estudo Comparativo do Impacto da Pandemia na Incidência de Câncer de Mama em Homens no Estado do Piauí

Francisco Enson Souza Gomes¹; Ana Vitória Meireles Veiga²; Igor dos Santos Cavalcante³; Luma Nunes Pereira da Silva⁴; Caroline Camargo Bandeira da Silveira Luz⁵

Introdução: O câncer de mama é raro em homens e apresenta uma maior taxa de diagnósticos tardios quando comparado à patologia feminina. Esse panorama ocorre provavelmente devido ao menor tamanho da mama masculina e rastreamento precário. **Objetivo:** Este estudo objetiva analisar a incidência de câncer de mama em homens do estado do Piauí. **Método:** Trata-se de um estudo epidemiológico comparativo entre os diagnósticos realizados de 2018 a 2020. Os dados foram coletados do Sistema de Informações Ambulatoriais (SAI), do Sistema de Informações Hospitalares (SIH) e do Sistema de Informações do Câncer (SISCAN) por meio da plataforma TABNET/DATASUS. As planilhas geradas foram analisadas através do software Microsoft Excel. Por serem dados terciários, não foi necessária aprovação pelo comitê de ética. **Resultados:** Foram registrados 16 casos de câncer de mama em homens (H), apenas 1,24% dos casos em mulheres (M), que foram 1923. Em 2018, esse percentual foi 0,74% (3 H e 408 M), foi 1,48% (7 H e 474 M) em 2019, e 1,46% (6 H e 411 M) em 2020. Ademais, observou-se: 4 casos em estágio 2 (2 de 2019, e 2 de 2020); 1 caso em estágio 3 em cada ano; 1 caso no estágio 4, em 2020; em 2 casos, o estadiamento não se aplicava e em 6 foi ignorado (3 de 2019 e 3 de 2020). **Conclusão:** Em 2019, houve um aumento significativo dos diagnósticos no estado, o que não foi acompanhado no ano de 2020. Pesquisas mais aprofundadas são necessárias.

Palavras-chave: Neoplasias da Mama Masculina; Neoplasias da Mama; Infecções por Coronavírus.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: ensongomes1@gmail.com

²E-mail: vitmei@hotmail.com

³E-mail: igorsc@live.com

⁴E-mail: lumanps0804@gmail.com

⁵E-mail: carolinecbsilveira@gmail.com

Internações por Neoplasia Maligna do Esôfago no Piauí entre 2015 e 2020: uma Análise Epidemiológica

Ivy Louise Carvalho Barbosa Barros¹; Gildemar da Silva Lustosa Júnior²; Raimundo Graças Almeida Lima Neto³; Cláudia Lima Mascarenhas Diniz⁴; Antônio Tiago da Silva Souza⁵

Introdução: A neoplasia maligna do esôfago está entre as 10 mais incidentes no Brasil, a 8ª no mundo e o quinto tumor maligno mais frequente do trato gastrointestinal. Além disso, é considerada extremamente letal devido à baixa sobrevivência de seus pacientes, o que justifica a importância desse estudo. **Objetivo:** Realizar o delineamento epidemiológico das internações por neoplasia maligna do esôfago no Piauí no período de 2015 a 2020. **Método:** Estudo quantitativo, epidemiológico, retrospectivo e descritivo referente às internações no Piauí, pela lista de morbidade CID-10, por neoplasia maligna do esôfago entre os anos de 2015 e 2020. A pesquisa foi efetuada com base nos dados do DATASUS e tabulados no Excel®, analisando as variáveis: sexo, faixa etária, raça/cor, caráter e regime, por meio de estatística e prevalência. **Resultados:** Observou-se 1088 internações no estado do Piauí, correspondendo a uma média de 182 casos por ano. Do total, 943 (86,67%) estão categorizados como pardos na classificação de “cor e raça” e evidenciou-se uma prevalência masculina, com 788 (72,43%) internações. Vale destacar que 328 internações (30,15%) estão presentes na faixa etária de 60 a 69 anos, sendo “eletivo” o caráter mais preponderante, resultando em 624 (57,35%) internações. Quanto ao regime do atendimento, o “ignorado” é o mais evidente com 949 (87,22%) casos. **Conclusão:** Logo, conclui-se que a preponderância das internações por neoplasia maligna do esôfago ocorre em indivíduos do sexo masculino. Ademais, esses indivíduos destacam-se na faixa etária entre 60 e 69 anos e da cor/raça parda. **Palavras-chave:** Epidemiologia; Sistema de Informação Hospitalar; Neoplasias Esofágicas.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: ivybarros14@ufpi.edu.br

²E-mail: gildemarlustosa@outlook.com

³E-mail: neto.poseidon7@gmail.com

⁴E-mail: claudia.lima.44@hotmail.com

⁵Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina (PI), Brasil. E-mail: at.tiago@hotmail.com

Prognóstico de Crianças Diagnosticadas com Tumor de Ewing Baseado em Relatos de Casos: uma Revisão de Literatura

Lucas Ribas¹; Disraely Magalhães da Silva²; Edmar José Fortes Júnior³; Eduardo Costa Cordeiro⁴; Deodato Narciso de Oliveira Castro Neto⁵

Introdução: O tumor de Ewing é considerado uma neoplasia maligna osteolítica de alto grau podendo ser localizado ou metastático, sendo considerado o tumor ósseo mais frequente em menores de 15 anos. Clinicamente a dor óssea e o edema são os sintomas iniciais, sendo os ossos mais acometidos o fêmur e a tíbia. **Objetivo:** Avaliar o prognóstico de crianças acometidas por sarcoma de Ewing. **Método:** Foram pesquisados artigos de Relatos de Casos nos portais SciELO, Lilacs e Bireme, com os seguintes descritores: “tumor”, “sarcoma” e “Ewing”, nas línguas português e inglês. Foram selecionados os quatro artigos que continham casos em indivíduos abaixo de 15 anos e relatavam seus prognósticos. **Resultados:** A literatura evidenciou menor sobrevida em crianças com sarcoma de Ewing maiores de 12 anos, a localização axial do tumor representa sinal de pior prognóstico comparado à localização apendicular. Além disso, pacientes com tumores em tecidos moles tiveram menor incidência de metástases e melhor prognóstico. Ademais, crianças que apresentaram metástase pulmonar ao diagnóstico tiveram maior taxa de óbito quando comparadas as que apresentaram metástases tardias. Não obstante, a recidiva do tumor em menos de 2 anos esteve diretamente relacionada ao aumento na mortalidade. Por fim, tumores extensos e de localizações ósseas primárias apresentaram altas taxas de fraturas e, em alguns casos, necessidade de amputação do membro. **Conclusão:** Os tumores de Ewing são bastante agressivos tendo como desfecho comum recidiva, fraturas, uso de endopróteses, amputação e óbito. Portanto, instituir um tratamento adequado e precoce é essencial para melhorar o prognóstico dos pacientes. **Palavras-chave:** Neoplasias Ósseas; Tumor de Ewing; Prognóstico; Criança.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: luribas24@gmail.com

²E-mail: disraely@gmail.com

³E-mail: edmarfortes@hotmail.com

⁴E-mail: duduwow20010@hotmail.com

⁵E-mail: deodatonarciso@hotmail.com

Estudo Epidemiológico da Mortalidade por Câncer Pancreático na População Piauiense no Período de 2009 a 2019

William Cataldo Teixeira¹; Francisco Eduardo Paiva Silva e Silva²; Natanael de Sousa Neves³; Tiago Lima Nogueira⁴; Renata Paula Lima Beltrão⁵

Introdução: O carcinoma de pâncreas é uma neoplasia de elevada morbimortalidade. Essa alta taxa de mortalidade possui ligação direta com seu comportamento agressivo e com a difícil detecção. Entre as causas do câncer, estão os fatores não hereditários relacionados ao estilo de vida, como obesidade e inatividade física. O Piauí, apesar de não manifestar as maiores taxas de mortalidade por neoplasias pancreáticas, vem apresentando elevação nos casos dessa doença. **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico dos casos de neoplasias pancreáticas no período de 2009 a 2019. **Método:** Trata-se de um estudo quantitativo, observacional e epidemiológico, desenvolvido por meio da coleta de informações presentes no Atlas On-line de Mortalidade do INCA para os anos de 2009 a 2019, analisando sexo e faixa etária. **Resultados:** No estado do Piauí foram 906 casos de morte por neoplasia pancreática entre os anos de 2009 e 2019, sendo 440 mulheres (aprox. 48,6%) e 466 homens (aprox. 51,4%). Em relação a taxa de mortalidade por 100 mil pessoas, os índices foram de 1,92 no ano de 2009 e 3,62 em 2019 para o estado, enquanto o nível mundial era 2,17 em 2009 e de 3,56 dez anos depois. Importante ressaltar, por fim, que cerca de 90,6% dessas mortes foram de pessoas acima de 50 anos, com maior número de casos na faixa de 70 a 79 anos (27,9%). **Conclusão:** Observa-se um aumento nos índices apresentados, portanto, explicitar os dados é essencial para pensar e propor caminhos exequíveis à resolução da adversidade em questão no estado.

Palavras-chave: Carcinoma; Pâncreas; Oncologia; Epidemiologia.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: williamcataldo1998@gmail.com

²E-mail: francisco_eduardo3@hotmail.com

³E-mail: natanael.sousaneves@gmail.com

⁴E-mail: tiagolima@ufpi.edu.br

⁵E-mail: rplbeltrao@gmail.com

Levantamento Epidemiológico dos Óbitos de Mulheres em Idade Fértil por Neoplasia de Colo de Útero na Planície Litorânea do Piauí no Período de 2008 a 2019

Ana Vitória Meireles Veiga¹; Francisco Enson Souza Gomes²; Igor dos Santos Cavalcante³; Luma Nunes Pereira da Silva⁴; Caroline Camargo Bandeira da Silveira Luz⁵

Introdução: O câncer do colo do útero ocorre devido à infecção crônica por um tipo oncogênico do vírus Papiloma Humano. Essa é a quarta causa mais frequente de morte por neoplasia entre mulheres no Brasil. **Objetivo:** O presente trabalho busca analisar os óbitos de mulheres entre 10 e 49 anos devido a esse tumor na Planície Litorânea do Piauí de 2008 a 2019. **Método:** Trata-se de um estudo epidemiológico, quantitativo e retrospectivo. Foram realizadas buscas na plataforma DATASUS TABNET, na seção Sistema de Informação de Mortalidade (SIM). Coletou-se dados dos óbitos de mulheres em idade fértil por neoplasia de colo de útero dos onze municípios da planície litorânea piauiense com recorte temporal de 2008 a 2019. Não foi necessária aprovação pelo comitê de ética pois se trata de dados oficiais. **Resultados:** No período analisado foram notificados 64 óbitos desse grupo na planície litorânea. Sendo, 34 deles em Parnaíba (53,1%) e 13 em Luís Correia (20,3%). Além disso, há uma prevalência de óbitos em mulheres de cor parda (68,75%), com 4 a 7 anos de escolaridade (26,56%), solteiras (35,9%) e na faixa etária de 30 a 39 anos (48,4%). **Conclusão:** Nota-se, portanto, que Parnaíba foi o município de maior destaque no número de óbitos, seguido de Luís Correia e, por isso, ambas cidades são estratégicas para as políticas de prevenção e detecção precoce. Da mesma forma, esse perfil observado pode ser útil na elaboração de campanhas de saúde. Por fim, são necessários estudos mais aprofundados para a consolidação desse conhecimento. **Palavras-chave:** Neoplasias do Colo do Útero; Colo do Útero; Distribuição por Idade e Sexo.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: vitmei@hotmail.com

²E-mail: ensongomes1@gmail.com

³E-mail: igorsc@live.com

⁴E-mail: lumanps0804@gmail.com

⁵E-mail: carolinecbsilveira@gmail.com

Mamografias de Rastreio Realizadas no Estado do Piauí entre os Anos de 2018 e 2019

Carlos Antônio Soares de Sousa Filho¹; Victor Trindade da Cruz²; Madelyne Alice Ramos Brito³; Isaac Vasconcelos Barbosa⁴; Franciele Basso Fernandes Silva⁵

Introdução: O câncer de mama é a neoplasia mais incidente em mulheres no Brasil, segundo o Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA), acometendo homens em menores proporções. A mamografia de rastreio exerce fundamental importância na redução da incidência e mortalidade por essa neoplasia. **Objetivo:** Quantificar as mamografias de rastreio realizadas no Piauí no período de 2018 e 2019. **Método:** Estudo epidemiológico quantitativo, retrospectivo e descritivo com dados obtidos no PAINEL-Oncologia. Foram extraídos dados referentes às mamografias de rastreio no Piauí, entre 2018 e 2019. Os dados foram analisados pelas variáveis faixa etária e classificação BI-RADS. **Resultados:** Durante o período estudado foram realizadas 41.728 mamografias de rastreio no Piauí. Observou-se que as faixas etárias de 50 a 59 anos (37%) e 40 a 49 (36,6%) apresentaram a maior porcentagem de realização de exames. A faixa etária de 60 a 69 anos (19,9%) representou parcela menos expressiva que as anteriores. Foi observado aumento no número de exames para todas as faixas etárias, sendo mais elevado para 40 a 49 anos (+14,9%). Viu-se que somente 1,1% das mamografias realizadas apresentaram resultados indicativos de malignidade (BI-RADS \geq 4). **Conclusão:** O INCA recomenda a mamografia de rastreio na faixa etária de 50 a 69 anos. Entretanto, a faixa etária de 40 a 49 anos, também apresentou um elevado número de mamografias realizadas durante o período no Piauí. Fator que vai ao encontro do número aumentado do surgimento de câncer durante uma idade mais jovem e a preocupação do rastreio também nessa população.

Palavras-chave: Epidemiologia; Mamografia; Diagnóstico; Neoplasias da Mama; Oncologia.

^{1,2,4,5}Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: carlos170421@gmail.com

²E-mail: victortrindadedacruz@gmail.com

³Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP). Parnaíba (PI), Brasil. E-mail: madelynealice2@gmail.com

⁴E-mail: iv.barbosa123@gmail.com

⁵E-mail: francibasso2@hotmail.com

Mortalidade por Câncer de Ovário no Estado do Piauí, nos Anos de 2010 a 2019: uma Análise Epidemiológica

Cláudia Lima Mascarenhas Diniz¹; Lucas de Carvalho Techê²; Ian Carlos de Oliveira Andrade³; Mariela Souza de Medeiros⁴; Antônio Tiago da Silva Souza⁵

Introdução: O câncer de ovário é a 2ª neoplasia ginecológica mais comum. Seus sintomas são mais perceptíveis em estágios avançados, cursando com pior prognóstico e altos índices de mortalidade. Dessa forma, conhecer o padrão de acometimento dessa doença é importante para a criação de medidas de rastreamento, tratamento e controle, de acordo com o perfil traçado. **Objetivo:** Realizar uma análise epidemiológica dos dados sobre mortalidade por câncer de ovário no Piauí dos anos 2010 a 2019, para caracterizar seu padrão no estado. **Método:** Estudo retrospectivo dos anos 2010 a 2019 no Piauí. A coleta de dados ocorreu na base DATASUS, no Sistema Informação de Mortalidade (SIM). Foi analisado o número de óbitos por neoplasia de ovário no Piauí segundo as variáveis: idade, cor/raça e escolaridade. **Resultados:** O total de óbitos por neoplasia de ovário no Piauí no período foi de 444. Dos 10 aos 39 anos, observou-se 7,2% das mortes, contra 81,3% de 40 a 79 anos. As raças parda, branca e preta registraram 59,68%, 21,84% e 10,58% dos óbitos respectivamente. Analisando anos de estudo, 23,19% representaram mulheres sem escolaridade, 19,59% entre 1 e 3 anos, 17,11% entre 4 e 7 anos, 15,76% entre 8 e 11 anos e 7,88% em mulheres com 12 anos ou mais de estudo. **Conclusão:** Com esse trabalho, observa-se maior mortalidade por câncer de ovário no Piauí em mulheres pardas, mais velhas e com menor escolaridade. Esse levantamento é útil para o rastreamento da população de risco, permitindo diagnóstico mais precoce e melhor prognóstico.

Palavras-chave: Câncer de Ovário; Mortalidade; Perfil Epidemiológico.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: claudia.lima.44@hotmail.com

²E-mail: lucascarvalhotechê@hotmail.com

³E-mail: iancoandrade@ufpi.edu.br

⁴E-mail: marisoumed@gmail.com

⁵Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina (PI), Brasil. E-mail: at.tiago@hotmail.com

Neoplasias Malignas de Ossos e Cartilagens Articulares dos Membros no Brasil: uma Análise Epidemiológica dos Últimos 5 Anos

Alysson Santos Alves¹; José Vitor Mota de Moura Silva²; Juliana Lyra Pereira³; Luciana Eda Maximiano Hasegawa⁴; Deodato Narciso de Oliveira Castro Neto⁵

Introdução: As neoplasias malignas de ossos e cartilagens dos membros possuem um perfil epidemiológico característico, cuja delimitação contribui para o direcionamento da abordagem. **Objetivo:** Analisar a quantidade de indivíduos diagnosticados com neoplasias malignas de ossos e cartilagens dos membros no Brasil entre os anos de 2016 e 2020, definindo seu perfil epidemiológico. **Método:** Trata-se de um estudo de caráter observacional e quantitativo, realizado com informações sobre sexo, idade, modalidade terapêutica, estadiamento e incidência por estado colhidas no banco de dados do Sistema de Informação e Agravos de Notificação, acerca da epidemiologia de neoplasias malignas de ossos e cartilagens articulares dos membros no Brasil entre os anos de 2016 e 2020. **Resultados:** No período de estudo foram notificados 7.787 casos de neoplasias malignas de ossos e cartilagens articulares dos membros no Brasil, com maior incidência no ano de 2019 (37,12%). Nesse sentido, foi constatada maior prevalência entre indivíduos do sexo feminino (52,08%), entre 0 e 19 anos de idade (25,55%), destacando-se os entre 13 e 18 anos (13,70%), situados nos estados de São Paulo (24,47%) e Paraná (09,69%). As modalidades terapêuticas mais adotadas foram a cirurgia (43,04%) e quimioterapia (16,34%). No quesito estadiamento do câncer, foram registrados 661 casos de estágio IV (08,48%), subsequente a estágio III (04,71%). **Conclusão:** Portanto, as ocorrências dessa neoplasia possuem maior expressividade entre adolescentes do sexo feminino no estado de São Paulo. Dessa forma, medidas preventivas e curativas, voltadas especialmente para esse grupo são fundamentais para a diminuição do número de casos nos próximos anos. **Palavras-chave:** Perfil de Saúde; Oncologia; Neoplasias Ósseas; Cartilagem Articular.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: alyssonalves002@gmail.com

²E-mail: jvmmsacad@gmail.com

³E-mail: jlpereira.box@icloud.com

⁴E-mail: lu.emhasegawa@gmail.com

⁵E-mail: deodatonarciso@hotmail.com

O Perfil Epidemiológico do Paciente Oncológico Submetido à Cirurgia como Tratamento no Piauí: um Recorte do Período de 2015 a 2020

Ivy Louise Carvalho Barbosa Barros¹; Isabella Pires Gomes Mendes²; Andreza Maria Almeida Campos³; Siana Malena Soares Brito⁴; Priscila Favoritto Lopes⁵

Introdução: Pacientes oncológicos podem receber diversas modalidades de tratamento, sendo a cirurgia, parte do tripé principal. Elas podem ter objetivo curativo ou paliativo. **Objetivo:** Realizar delineamento epidemiológico dos pacientes oncológicos submetidos à cirurgia como tratamento no Piauí de 2015 a 2020. **Método:** Estudo quantitativo, retrospectivo e descritivo sobre pacientes que realizaram cirurgias oncológicas como tratamento no Piauí, entre 2015 e 2020. Os dados foram coletados no DATASUS/Tabnet, analisando-se: sexo, faixa etária, diagnóstico detalhado (DD) e municípios. **Resultados:** Contabilizou-se 3267 cirurgias no Piauí. Desse total, 2017 (61,74%) representam o sexo feminino. Os tipos de DD mais evidentes são Neoplasia Maligna de Próstata (NMP), com 364 (11,14%), Neoplasia Maligna de Mama (NMM), 346 (10,59%) e Neoplasia Maligna de Colo de Útero (NMCU), 318 (9,73%). Ademais, 382 (11,69%) configuram a faixa etária de 65 a 69 anos. No estado, o município com maior quantidade de cirurgias foi Teresina com 1198 (36,67%). **Conclusão:** Quanto ao DD, temos NMM e NMP como os mais prevalentes, provavelmente por serem os mais comuns em mulheres e homens, respectivamente, excetuando-se o câncer de pele não-melanoma. Analisando-se sexo, tem-se prevalência do sexo feminino, podendo ser associado ao fato das NMM e NMCU totalizarem 20,33% dos diagnosticados. Quanto à faixa etária, a prevalência está entre 65 e 69 anos, uma faixa etária de importância tanto na NMP quanto na NMM. Por fim, há um maior número de cirurgias em Teresina, provavelmente por ser capital e centro de referência em saúde do estado.

Palavras-chave: Cirurgia Oncológica; Epidemiologia; Neoplasia.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: ivybarros14@ufpi.edu.br

²E-mail: isabellapires@ufpi.edu.br

³E-mail: andrezacampos@ufpi.edu.br

⁴E-mail: sianabrito@hotmail.com

⁵E-mail: draprisilafavoritto@gmail.com

Análise Epidemiológica Comparativa entre o Número de Internações e Óbitos por Neoplasia Maligna de Traqueia, Brônquios e Pulmões, no Período de 2016 a 2020, na Planície Litorânea do Piauí

Gildemar da Silva Lustosa Junior¹; Isabella Cabral Ferraz²; Priscylla Frazão Rodrigues³; Luís Henrique Sousa Oliveira⁴; Antônio Tiago da Silva Souza⁵

Introdução: O câncer de pulmão é um dos mais comuns no Brasil. Esse tipo de tumor afeta desde a traqueia até a periferia do pulmão, sendo o tabagismo, o principal fator de risco. Sua apresentação clínica é tardia e semelhante às infecções pulmonares, com tosse e Hemoptise. O diagnóstico é, muitas vezes, inacessível e tardio, o que exige conscientização para avaliações precoces e para o rastreamento. **Objetivo:** Relacionar a incidência de morte por neoplasias malignas de traqueia, brônquios e pulmões (NMTBP) com o número de internações por ano, na Planície Litorânea, observando um recorte de 2016 a 2020. **Método:** Estudo observacional, quantitativo, epidemiológico e retrospectivo. As informações foram coletadas na plataforma DATASUS, por meio do Sistema de Informações Hospitalares (SIH/SUS) e do Sistema de Informações sobre Morbidade (SIM/SUS). Analisou-se o número de internados e de óbitos devido à NMTBP independente da faixa etária, nos anos de 2016 a 2020. **Resultados:** O número de internações aumentou, a cada ano, com queda em 2020. O maior valor registrado foi 9, em 2019, que reduziu para 3 em 2020. Do número de óbitos, o maior número foi em 2017, com 4 óbitos, e o menor em 2020, com apenas 1 óbito registrado; em 2019 ocorreram 2 óbitos. **Conclusão:** Com essa queda do número de óbitos nos últimos anos, pode-se inferir que os avanços nos tratamentos para NMTBP resultou na redução de óbitos, e que ações de educação, para a percepção da sintomatologia inicial da doença, é fundamental para bom prognóstico.

Palavras-chave: Epidemiologia; Neoplasias Pulmonares, Neoplasias Brônquicas; Neoplasias da Traqueia.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: gildemarlustosa@ufpi.edu.br

²E-mail: isabellacFerraz17@gmail.com

³E-mail: priscyllafrazao1995@gmail.com

⁴E-mail: luiz.hsoliveira00@gmail.com

⁵Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina (PI), Brasil. E-mail: at.tiago@hotmail.com

Análise Epidemiológica Comparativa entre o Número de Procedimentos Cirúrgicos no Tratamento do Câncer no Primeiro Ano de Pandemia, 2020, e nos Anos Anteriores, no Piauí

Gildemar da Silva Lustosa Junior¹; Siana Malena Soares Brito²; Ivy Louise Carvalho Barbosa Barros³; Isabella Pires Gomes Mendes⁴; Priscila Favoritto Lopes⁵

Introdução: O aumento da longevidade tornou o número de diagnósticos do câncer algo esperado. Assim, as modalidades terapêuticas no tratamento oncológico, baseadas no tripé: Cirurgia, Quimioterapia e Radioterapia; constantemente evoluem. Entretanto, como o país passando pela situação de pandemia da Covid-19, medidas restritivas estão em funcionamento em todo do território nacional. Com isso, muitas pessoas diminuíram ou pararam de ir aos centros de saúde e realizar, ou dar continuidade, a tratamentos importantes, como o oncológico. **Objetivo:** Realizar análise comparativa do número de pacientes oncológicos submetidos à cirurgia no Piauí no período de pandemia, observando o recorte de 2016 a 2020. **Método:** Trata-se de um Estudo observacional, quantitativo, epidemiológico e retrospectivo. As informações foram coletadas na plataforma DATASUS, Ministério da Saúde, a partir do programa TABNET. Os dados foram colhidos no Painel-Oncologia-BRASIL e incluem casos de diagnóstico e número de tratamento e método de tratamento registrados nos anos de 2016 a 2020 no Piauí. Os critérios analisados foram: o diagnóstico, o ano do diagnóstico, o ano do tratamento e as modalidades terapêutica. **Resultados:** Os quatros primeiros anos, 2016 a 2019, mostraram aumento diagnostico gradativo. Entretanto, ocorreu uma queda de aproximadamente 1.400 diagnósticos em 2020 comparado a 2019, com redução da modalidade cirúrgica de 19,8% para 17,6%, o aumento da quimioterapia de 35,8% para 38,5% e da radioterapia de 8% para 10%, de 2019 para 2020 respectivamente. **Conclusão:** Dessa forma, fica evidente o impacto do número de diagnósticos no ano inicial da pandemia pela Covid-19, sendo a modalidade cirúrgica a mais afetada.

Palavras-chave: Epidemiologia; Procedimentos Cirúrgicos Operatórios; COVID-19.

^{1,3,4,5}Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: gildemarlustosa@ufpi.edu.br

²Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP). Parnaíba (PI), Brasil. E-mail: sianabrito@hotmail.com

³E-mail: ivybarros14@ufpi.edu.br

⁴E-mail: isabellapires@edu.ufpi.br

⁵E-mail: draprisilafavoritto@gmail.com

Perfil Epidemiológico do Câncer de Brônquios e Pulmões no Estado do Piauí e no Brasil no Período de 2000 a 2019

Ian Carlos de Oliveira Andrade¹; Livia Rocha Santos²; Karina Rodrigues dos Santos³

Introdução: O câncer de pulmão possui a maior taxa de mortalidade e incidência no mundo, sendo, no Brasil, o segundo mais comum entre homens e mulheres. Este trabalho consiste em comparar os índices de mortalidade do estado do Piauí em relação ao cenário nacional. **Objetivo:** Analisar o índice de mortalidade do câncer de brônquios e pulmões no estado do Piauí entre os anos de 2000 e 2019 e compará-los com o cenário nacional. **Método:** Estudo epidemiológico descritivo-quantitativo dos padrões de mortalidade do câncer de brônquios e pulmões (CID 10 C34) utilizando os dados do Departamento de Informática do Sistema Único Saúde (DATASUS) entre 2000 e 2019. Os dados coletados foram estratificados por sexo e faixa etária e as informações obtidas foram tabuladas no site Google Spreadsheets e comparadas com as estatísticas nacionais. **Resultados:** Durante o período analisado, foram registrados 3546 casos de Câncer de Brônquios e Pulmões no estado do Piauí, dos quais 2142 (60,40%) eram homens e os restantes 1404 (39,60%) mulheres. No cenário nacional, as porcentagens apresentadas são semelhantes, sendo 62,47% para homens e 37,53% para mulheres. A faixa etária mais incidente está entre 60 e 79 anos, com 2549 casos (71,88%) e pode ser considerada um reflexo do padrão nacional, que apresenta uma taxa percentual de 69,88% para o mesmo grupo etário. **Conclusão:** O estudo do perfil epidemiológico do CID 10 C34 no Piauí mantém a tendência do que é observado no cenário brasileiro em relação às variáveis evidenciadas.

Palavras-chave: Câncer de pulmão; Piauí; Epidemiologia.

¹⁻³Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: iancoandrade@ufpi.edu.br

²E-mail: liviarocha063@gmail.com

³E-mail: krsantos2004@yahoo.com.br

Prevenção de Insuficiência Cardíaca Associada ao Uso de Antraciclinas no Tratamento Quimioterápico de Pacientes Oncológicos: Revisão Integrativa da Literatura

Olívio Joaquim Fonseca Neto¹; Juliano Luiz de Souza²; Camila de Maria Ferreira Brandão³; Heliton José Baquil Araujo⁴; Érica de Araújo Silva Mendes⁵

Introdução: Antraciclinas são medicamentos utilizados no tratamento do câncer, porém são cardiotoxicos, tendo aplicação quimioterápica associada a cardiopatias, como insuficiência cardíaca. **Objetivo:** Elucidar as ações preventivas da insuficiência cardíaca associada a antraciclinas utilizadas na quimioterapia de pacientes oncológicos. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Foram considerados artigos dos bancos de dados PubMed, Lilacs e SciELO, dos últimos três anos, conduzidos em pacientes oncológicos em tratamento quimioterápico baseado em antraciclinas. **Resultados:** Inicialmente, foram selecionados 479 artigos, sendo excluídos 469 após leitura do título e do resumo, restando 10 para utilização na análise integral. Os fármacos mais estudados quanto à capacidade de prevenção de cardiopatias durante tratamento com antraciclinas foram betabloqueadores e inibidores de enzima de conversão da angiotensina. Carvedilol reduz níveis de troponina, de lesão cardíaca e de disfunção diastólica. Houve divergências quanto aos benefícios da profilaxia com inibidores da enzima de conversão da angiotensina, sendo enalapril associado à redução da toxicidade cardíaca após administração de antraciclina e candesartan apresentado como redutor do volume celular total do ventrículo esquerdo. Atividades físicas como exercícios intercalados entre alta e baixa intensidade mostraram-se eficazes contra disfunções ventriculares. **Conclusão:** A administração de betabloqueadores se mostrou favorável na prevenção de insuficiência cardíaca em pacientes tratados com antraciclinas, enquanto o uso de inibidores da enzima de conversão da angiotensina é ainda controverso. Exercícios físicos conseguem reduzir a carga do sistema cardiovascular, melhorando também o prognóstico. Entretanto, há necessidade de estudos a longo prazo para avaliar a duração dos efeitos e a real efetividade dessas terapias.

Palavras-chave: Insuficiência Cardíaca; Quimioterapia; Oncologia.

^{1,2,3,5}Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: oliviofonsecaneto@hotmail.com

²E-mail: julianoluizdesouza@ufpi.edu.br

³E-mail: camilademariafb@gmail.com

⁴Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP). Parnaíba (PI), Brasil. E-mail: heliton_jose@hotmail.com

⁵E-mail: ericasilva.ma@gmail.com

Mortalidade por Câncer de Ovário em Mulheres Brasileiras: uma Análise Epidemiológica

Liliane Emilly dos Santos Sousa¹; Gustavo Vieira Lopes²; Jacqueline Andréia Bernardes Leão-Cordeiro³; Antonio Márcio Teodoro Cordeiro Silva⁴

Introdução: O câncer do ovário representa a oitava causa de morte por câncer, em mulheres no mundo, e a segunda neoplasia ginecológica mais comum, no Brasil. Dentre os fatores de risco, para o câncer de ovários, destacam-se: histórico familiar, comportamento reprodutivo (nuliparidade, lactação, uso de anticoncepcional oral, ligadura de trombas e ooforectomia), hábitos e estilo de vida (tabagismo, aumento do consumo de carnes e gorduras e sedentarismo). Além disso, o diagnóstico tardio e em estágio avançado são fatores de mortalidade para as neoplasias ovarianas. **Objetivo:** Caracterizar o perfil de mortalidade, por câncer de ovário, no Brasil. **Método:** Trata-se de estudo epidemiológico descritivo e observacional. Foram obtidos dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), através do Sistema de Informações sobre Mortalidade, acerca dos óbitos, por câncer de ovário, segundo idade e região, no período de 2010 a 2018. **Resultados:** Foram registradas 30.904 mortes por câncer de ovário, em mulheres brasileiras. De acordo com a localidade, a maior quantidade de mortes ocorreu na região Sudeste (49,4%). Com relação à faixa etária, 25,2% dos óbitos ocorreram em mulheres com idades entre 60 e 69 anos. **Conclusão:** A mortalidade por câncer de ovário foi atribuída em maior proporção à região Sudeste, e em mulheres com idades entre 60 e 69 anos. Assim, torna-se necessário o fortalecimento das políticas públicas de atenção e promoção à saúde da mulher, como forma de instituir medidas de rastreamento e diagnóstico precoce, que promovam a redução da mortalidade, por neoplasias ovarianas, na população feminina brasileira. **Palavras-chave:** Epidemiologia; Mortalidade; Neoplasias Ovarianas; Saúde da Mulher.

^{1,2,4}Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás), Escola de Ciências Médicas, Farmacêuticas e Biomédicas (EMFB). Goiânia (GO), Brasil.

¹E-mail: lilianeemillydss@gmail.com

²E-mail: gustavovieiralopes@gmail.com

³Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Enfermagem (FEN). Goiânia (GO), Brasil. E-mail: jbmleacordeiro@gmail.com

⁴E-mail: marciocmed@gmail.com

Análise Epidemiológica Comparativa das Internações por Câncer de Mama no Nordeste e no Piauí nos Últimos 10 Anos

Bianca Lopes Cacau¹; Livia Rocha Santos²; Isabella Cabral Ferraz³; Daniela Winckler Mass⁴; Nayana Alves de Brito Melo Okasaki⁵

Introdução: O câncer de mama é causado pela multiplicação desordenada de células da mama. Há vários tipos e, por isso, pode evoluir de diferentes formas. A mamografia e o autoexame das mamas auxiliam no diagnóstico precoce.

Objetivo: Comparar o perfil epidemiológico do câncer de mama no Nordeste e no Piauí nos últimos 10 anos. **Método:** Estudo quantitativo, observacional, transversal e comparativo dos casos de câncer de mama no Nordeste e no Piauí de 2011 a 2021. Os dados foram retirados da base DATASUS, através do Sistema de Informações Hospitalares do SUS. As variáveis utilizadas foram ano de processamento, sexo, raça/cor, faixa etária e óbitos. **Resultados:** Verificou-se o registro de 7.099 internações no Piauí (PI) e 128.117 no Nordeste (NE). Dentre os anos analisados, 2016 apresentou a maior prevalência (12,14%) no PI. Já no NE, 2019 (12,18%) foi o ano mais prevalente. Quanto ao sexo, observou-se uma prevalência no sexo feminino, com 98,63% no NE e 99,90% no PI. Em relação à cor/raça, verificou-se que, no PI e no NE, os indivíduos pardos foram os mais afetados com 6.264 (88,23%) e 83.799 (64,40%) respectivamente. A faixa etária mais prevalente no PI foi 40 a 49 (27,13%) e no NE foi 50 a 59 anos (27,19%). Foram registrados 568 óbitos no PI (8,00% dos casos) e 9.976 no NE (7,78% dos casos). **Conclusão:** Dessa forma, infere-se que, mulheres, pardas e adultas são mais afetados. Ressalta-se a necessidade de intensificar medidas de rastreamento, principalmente, neste grupo mais vulnerável, para minimizar a incidência.

Palavras-chave: Ginecologia; Epidemiologia; Oncologia; Câncer de Mama.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: bianca.lopescacau1@gmail.com

²E-mail: liviarocha063@gmail.com

³E-mail: isabellacerraz17@gmail.com

⁴E-mail: danielamasspi@gmail.com

⁵E-mail: nayanafacime@yahoo.com.br

Análise Epidemiológica Comparativa das Internações por Neoplasias Maligna da Pele no Nordeste e no Piauí nos Últimos 10 Anos

Bianca Lopes Cacau¹; Maria Clara Barros Vilarinho²; Sarah Nilkece Mesquita Araujo Nogueira Bastos³; Guilherme Augusto Silva de Moraes⁴; Karina Rodrigues dos Santos⁵

Introdução: Os cânceres de pele são provocados pelo crescimento anormal das células que compõe a pele e podem ser melanoma e não melanoma. Apresentam-se de forma diferente ao exame clínico e histopatológico, porém a principal causa é radiação ultravioleta. **Objetivo:** Comparar o perfil epidemiológico dos cânceres de pele de pacientes do Nordeste e do Piauí nos últimos 10 anos. **Método:** Estudo quantitativo, observacional, transversal e comparativo dos casos de cânceres de pele no Nordeste e no Piauí de 2011 a 2021. Os dados foram retirados da base DATASUS, através do Sistema de Informações Hospitalares do SUS. As variáveis utilizadas foram ano de processamento, sexo, raça/cor e faixa etária. **Resultados:** Verificou-se o registro de 3.799 internações no Piauí (PI) e 72.306 no Nordeste (NE). Dentre os anos analisados, em 2013 apresentou maior prevalência (14,66%) no PI e 2018 (14,23%) no NE. Quanto ao sexo, observou-se maior prevalência no sexo masculino, com 52,77% dessa população no PI sendo 58,18% no NE. Em relação à cor/raça, verificou-se que, no PI e no NE, os indivíduos pardos foram os mais afetados com 3.329 (87,62%) e 48.418 casos (66,96%) respectivamente. As faixas etárias mais prevalentes foram a de 70 a 79 anos, com 22,79% dos casos no PI e 22,38% no NE e 60 a 69 com 20,55% no PI e 20,97% no NE. **Conclusão:** Dessa forma, infere-se que, os homens, idosos e pardos são os mais afetados. Ressalta-se a necessidade de medidas preventivas, principalmente, neste grupo mais vulnerável, a fim de minimizar a incidência.

Palavras-chave: Dermatologia; Epidemiologia; Oncologia; Câncer de Pele.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: bianca.lopscacau1@gmail.com

²E-mail: mcbarrosv97@gmail.com

³E-mail: sarahnilkece@hotmail.com

⁴E-mail: guilherme_moraes@outlook.com

⁵E-mail: krsantos2004@yahoo.com.br

Estudo Epidemiológico do Impacto da Pandemia da Covid-19 no Diagnóstico de Melanoma no Brasil

Guilherme Augusto Silva de Moraes¹; Maria Clara Barros Vilarinho²; Sarah Nilkece Mesquita Araujo Nogueira Bastos³; Bianca Lopes Cacau⁴; Karina Rodrigues dos Santos⁵

Introdução: O melanoma é a segunda neoplasia mais comum em adultos jovens, atrás apenas dos linfomas. Trata-se de um tipo de câncer de pele com boas chances de cura se diagnosticado e tratado em estágio inicial. O adiamento da assistência a essa morbidade em face da pandemia da Covid-19 impacta negativamente a qualidade de vida da população acometida e aumenta as chances de desfecho desfavorável dos casos. **Objetivo:** Analisar o impacto da pandemia da Covid-19 no diagnóstico do melanoma no Brasil. **Método:** Estudo epidemiológico a partir de dados do diagnóstico de melanoma no Brasil, em 2019 e 2020, do Painel-Oncologia. Os números apresentados referem-se à soma dos diagnósticos de melanoma *in situ* e de melanoma maligno de pele. **Resultados:** O número anual de diagnósticos de melanoma no Brasil caiu de 6.094, em 2019, para 4.910, em 2020 – redução de 19,4%. A queda foi de 20,4% na população masculina e de 18,5%, na feminina. Com relação à faixa etária, houve decréscimo em todos os grupos, com destaque para a faixa de 30 e 34 anos (-34,1%). Quanto ao estadiamento do câncer, a principal queda ocorreu no estágio 1 (-33,3%), no qual o tumor ainda não se espalhou para linfonodos ou órgãos próximos. O estágio 4 segue como o mais recorrente no momento do diagnóstico. **Conclusão:** A queda no número de diagnósticos do melanoma no Brasil em 2020, consistente nas variáveis analisadas, sugere um impacto significativo da pandemia da Covid-19 na identificação de novos casos, tornando pertinentes análises futuras sobre o tema.

Palavras-chave: COVID-19; Dermatologia; Epidemiologia; Melanoma; Oncologia.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: guilherme_moraes@outlook.com

²E-mail: mcbarrosv97@gmail.com

³E-mail: sarahnilkece@hotmail.com

⁴E-mail: bianca.lopescacau1@gmail.com

⁵E-mail: krsantos2004@yahoo.com.br

Distribuição dos Diagnósticos de Câncer de Pele por Região do Brasil durante a Pandemia de Covid-19

Sarah Nilkece Mesquita Araujo Nogueira Bastos¹; Maria Clara Barros Vilarinho²; Bianca Lopes Cacau³; Guilherme Augusto Silva de Moraes⁴; Karina Rodrigues dos Santos⁵

Introdução: A pandemia de Covid-19 trouxe um relevante impacto na rede de atenção à saúde e é fundamental analisar os dados referente ao diagnóstico de câncer de pele. **Objetivo:** Analisar a distribuição dos diagnósticos de câncer de pele por região do Brasil durante a pandemia de Covid-19. **Método:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, cujos dados foram obtidos por meio de consulta à base de dados SINAN disponibilizada pelo sistema DATASUS/e-SUS. A população do estudo foi constituída por todos os registros de câncer de pele cadastrados no respectivo sistema: Melanoma maligno da pele (CID C43), Melanoma in situ (CID D03), Carcinoma in situ da pele (CID D04) e outras neoplasias malignas da pele (CID C44), diagnosticados e registrados no período pandêmico (janeiro de 2020 a abril de 2021). Os registros foram organizados por conglomerados de acordo com as regiões brasileiras. A análise dos dados se deu por meio do Microsoft Excel. **Resultados:** No período estudado foram notificados 66.684 casos novos de câncer de pele no Brasil. Destes, 18,6% (12.419) eram Carcinoma in situ da pele, 7,4% (4.967) Melanoma maligno da pele, 0,6% (385) e 73,4% (48.913) outras neoplasias malignas da pele não especificadas. A região brasileira com maior número de registros foi a Sudeste (42,5%; 28.362) e com menor o Norte (3,3% ; 2217). **Conclusão:** Conclui-se que, apesar da pandemia, os registros para câncer de pele continuaram, entretanto, incompletos faltando detalhamento nesta classificação. A região sudeste do Brasil é a que obteve mais registros de casos neste período pandêmico. **Palavras-chave:** COVID-19; Pandemia; Câncer de Pele; Melanoma; Neoplasia.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: sarahnilkece@hotmail.com

²E-mail: mcbarrosv97@gmail.com

³E-mail: bianca.lopecacau1@gmail.com

⁴E-mail: guilherme_moraes@outlook.com

⁵E-mail: krsantos2004@yahoo.com.br

Internações por Neoplasia Maligna da Mama na População Feminina Brasileira: Estudo Epidemiológico

Liliane Emilly dos Santos Sousa¹; Gustavo Vieira Lopes²; Jacqueline Andréia Bernardes Leão-Cordeiro³; Antonio Márcio Teodoro Cordeiro Silva⁴

Introdução: O câncer de mama é a neoplasia mais comum entre as mulheres no Brasil e no mundo. Dentre os principais fatores de riscos para o desenvolvimento da patologia, destacam-se: história familiar, predisposição genética, características reprodutivas, hábitos de vida e influências ambientais. **Objetivo:** Avaliar o perfil epidemiológico das internações, por neoplasia maligna da mama, na população feminina brasileira, no período de 2010 a 2020. **Método:** Trata-se de estudo epidemiológico descritivo, ecológico e observacional. Foram obtidos dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), por meio do Sistema de Informações Hospitalares, acerca do número de internações, por neoplasia maligna da mama, de acordo com a região e a faixa etária, no período de agosto de 2010 a agosto de 2020. **Resultados:** Foram registradas 572.302 internações, por neoplasia maligna da mama, em mulheres brasileiras. A maior quantidade de internações ocorreu nas regiões: Sudeste (51,7%), Nordeste (20,7%) e Sul (19,3%), e em mulheres com idades entre 50 e 59 anos (28,7%). **Conclusão:** O câncer mama constitui importante problema de saúde pública no Brasil. Tem maior frequência em mulheres residentes nas regiões Sudeste, Nordeste e Sul do país, com idades entre 50 e 59 anos. Assim, o conhecimento do perfil das internações, por câncer de mama, permite nortear estratégias de planejamento de programas de prevenção e de controle do problema de saúde em questão, por meio do rastreamento mamográfico e do diagnóstico precoce, como forma de reduzir as complicações e internações por neoplasias mamárias na população feminina brasileira.

Palavras-chave: Epidemiologia; Morbidade; Neoplasias da Mama; Saúde da Mulher.

^{1,2,4}Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás), Escola de Ciências Médicas, Farmacêuticas e Biomédicas (EMFB). Goiânia (GO), Brasil.

¹E-mail: lilianeemillydss@gmail.com

²E-mail: gustavovieiralopes@gmail.com

³Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Enfermagem (FEN). Goiânia (GO), Brasil. E-mail: jbmleacordeiro@gmail.com

⁴E-mail: marciocmed@gmail.com

Micose Fungoide Hipocromiante em Crianças e Adolescentes

Giovanna Stefanne Lópes Barbosa¹; Mariana Veras Rocha Borges²; Ester Almeida de Sousa³; Vitória Mendes Oliveira⁴; Fernando Aguiar Luz⁵

Introdução: Linfomas cutâneos primários são raros em crianças e adolescentes, mas, quando ocorrem, a micose fungoide (MF) parece ser um subtipo comum. A MF pode se manifestar de diferentes formas, entre elas, a micose fungoide hipocromiante (MFH). **Objetivo:** Analisar a sintomatologia, principais achados clínicos e histopatológicos e tratamentos empregados na MFH em crianças e adolescentes. **Método:** Foi realizada uma revisão integrativa de literatura. Os descritores “*Hypopigmentation*”, “*Mycosis fungoides*”, “*child*” e “*adolescent*” foram combinados com operadores booleanos e a busca foi realizada na base de dados *Medical Literature Analysis and Retrieval System* (MEDLINE/PubMed). Foi considerado o período dos últimos 5 anos e artigos com casos de MFH originais. Foram selecionados 8 artigos. **Resultados:** A MFH é uma apresentação indolente e de melhor prognóstico que as demais. Por sua manifestação como máculas ou placas hipocrômicas e, às vezes, descamativas, costuma ser confundido com dermatoses comuns como: hanseníase, pitíriase versicolor, pitíriase alba, vitiligo, hipopigmentação pós-inflamatória, entre outras, levando a retardo no diagnóstico. Os achados histopatológicos envolvem infiltrados linfóides na epiderme e derme de intensidade variável e atipias citológicas. E a imuno-histoquímica pode ser variável, sendo comuns marcadores positivos para CD3+, CD4+ e CD8+ com diferenças entre populações epidérmicas e subepidérmicas. O tratamento mais realizado é a fototerapia com UVA ou a fototerapia com UVB de banda estreita, contudo outras abordagens podem ser empregadas. **Conclusão:** Embora rara, a MFH deve ser suspeitada em crianças e adolescentes com lesões cutâneas hipocrômicas resistentes a tratamento padrão, de forma a garantir diagnóstico, tratamento e seguimento adequados.

Palavras-chave: Micose Fungoide; Linfoma Cutâneo de Células T; Dermatologia.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: gistefanne@gmail.com

²E-mail: mariana_vrborges@hotmail.com

³E-mail: esterprs043@gmail.com

⁴E-mail: vitoriamo@hotmail.com

⁵E-mail: biopelle.fernandoluz@hotmail.com

Análise Epidemiológica dos Óbitos por Neoplasia Maligna de Mama no Estado do Piauí, 2019-2020

Sofia Carneiro da Cunha¹; Sarah da Conceição t'Lam²; Igor dos Santos Cavalcante³; Natalya de Carvalho Lima⁴; Deodato Narciso de Oliveira Castro Neto⁵

Introdução: O câncer de mama é a neoplasia mais comum e que causa mais mortes em mulheres no mundo todo. Exames de rastreio e acompanhamento são importantes ferramentas para minimizar a alta taxa de mortalidade a ela associada. As restrições impostas para conter a pandemia pela Covid-19, entretanto, levaram a menos consultas presenciais e atendimentos médicos, podendo ter grande impacto sobre essa doença. **Objetivo:** Verificar o efeito da pandemia sobre os óbitos por câncer de mama no estado do Piauí. **Método:** Trata-se de um estudo epidemiológico, retrospectivo e observacional, com dados secundários do DATASUS sobre o número de óbitos por câncer de mama no estado do Piauí entre 2019 e 2020. Os dados foram analisados por faixa etária. **Resultados:** Em 2019, observou-se 22 óbitos por neoplasia maligna da mama no estado do Piauí. Em 2020, houve 43 óbitos (+95%). Não houve grandes mudanças no número de mortes nas faixas etárias entre 20 e 29 anos, 30 a 39 anos e 50 a 59 anos. Entretanto, na faixa etária de 40 a 49 anos observou-se 6 óbitos em 2019 e 12 óbitos em 2020; para 60 a 69 anos, viu-se o maior aumento: 3 óbitos em 2019 e 14 óbitos em 2020. **Conclusão:** Observou-se aumento expressivo do número de óbitos por câncer de mama no estado do Piauí durante a pandemia, especialmente em indivíduos de 60 a 69 anos (grupo de risco para a Covid-19), fato que pode ter dois principais motivos: atraso no diagnóstico ou falta do tratamento necessário. **Palavras-chave:** Saúde da Mulher; Neoplasias da Mama; Infecções por Coronavírus.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: sofia Carneiro.c@gmail.com

²E-mail: sah.ctlam@gmail.com

³E-mail: igorsc@live.com

⁴E-mail: naaty.carvalho98@gmail.com

⁵E-mail: deodatonarciso@gmail.com

Impacto da Pandemia da Covid-19 sobre os Diagnósticos de Câncer de Próstata no Estado do Piauí

Sofia Carneiro da Cunha¹; Sarah da Conceição t'Lam²; Igor dos Santos Cavalcante³; Natalya de Carvalho Lima⁴; Erica de Araújo Silva Mendes⁵

Introdução: O câncer de próstata (CP) é o segundo mais frequente no sexo masculino no Brasil. Essa neoplasia predomina na população idosa, tendo sua detecção precoce como importante estratégia de prevenção de agravos. A detecção do CP é feita pelo toque retal e exame de sangue para dosagem do antígeno prostático específico (PSA). Devido à vigência da pandemia da Covid-19, a investigação dessa doença pode estar sendo negligenciada. **Objetivo:** Analisar o impacto da pandemia da Covid-19 nos diagnósticos de CP no estado do Piauí. **Método:** Estudo epidemiológico, descritivo e retrospectivo, com dados secundários da plataforma DATASUS. Foram selecionadas informações referentes ao número de diagnósticos por câncer de próstata no estado do Piauí, de 2019 a 2020. **Resultados:** Em 2019 houve 495 diagnósticos de câncer de próstata, com queda para 254 em 2020. Na faixa etária de 65 a 69 anos observou-se a maior queda, de 116 casos para 46, seguido pela de 70 a 74, a qual teve 118 casos em 2019 comparado com 53 em 2020. A única idade que apresentou alta foi de 0 a 19 anos, tendo aparecido um caso em 2020. **Conclusão:** De 2019 para 2020, viu-se queda acentuada dos diagnósticos de CP no estado do Piauí. Infere-se, assim, que a pandemia da Covid-19 impactou de forma a diminuir os diagnósticos, sobretudo na faixa etária de 65 a 74 anos. Tal situação ocorreu, provavelmente, pela falta de ações de incentivo à busca de serviços de saúde e não necessariamente pela diminuição da ocorrência de CP.

Palavras-chave: Saúde do Homem; Neoplasias da Próstata; Pandemias.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: sofiacarneiro.c@gmail.com

²E-mail: sah.ctlam@gmail.com

³E-mail: igorsc@live.com

⁴E-mail: naaty.carvalho98@gmail.com

⁵E-mail: ericasilva.ma@gmail.com

Impacto da Pandemia da Covid-19 sobre o Rastreamento do Câncer de Colo do Útero no Estado do Piauí, 2019-2020

Paulo César Monteiro Florêncio¹; Lady Jane da Silva Macedo²; Pedro Henrique dos Santos Silva³; Natalya de Carvalho Lima⁴; Ivan Rodrigues Silva⁵

Introdução: Com a pandemia da Covid-19, urgências e medidas de contenção da disseminação do vírus se tornaram prioridades nos serviços de saúde. Atendimentos eletivos, incluindo o exame colpocitológico e a vacinação contra o papilomavírus humano, foram adiados, enfraquecendo as ações de detecção precoce e prevenção do câncer de colo uterino (CCU). **Objetivo:** Analisar o impacto da pandemia da Covid-19 no rastreamento do CCU no estado do Piauí. **Método:** Pesquisa quantitativa documental com dados secundários obtidos no Sistema de Informação do Câncer. Foram buscados os dados referentes à quantidade de citologias de colo uterino realizada no Piauí de 2019 a 2020, analisada por faixa etária e motivo do exame. **Resultados:** No ano de 2019 foram realizados 77.842 exames colpocitológicos, enquanto no ano de 2020 esse quantitativo caiu para 33.181 (-57,3%). A realização dos exames no período analisado foi majoritariamente com objetivo de rastreamento (99,5%), sendo essa variável, também, a que apresentou maior redução (-57,4%), seguida dos exames de repetição (-55%) e seguimento (-40,6%). Em relação às faixas etárias, viu-se que mulheres de 25 a 69 anos foram as que mais realizaram exames, dentre as quais, aquelas com idade entre 35 e 39 anos apresentaram a maior redução bruta (-5.449). **Conclusão:** Observou-se queda no número de exames colpocitológicos de 2019 para 2020 no Piauí, com importante redução, sobretudo, nos exames de rastreamento. Infere-se, assim, que a pandemia possa ter impactado de forma negativa o prognóstico de mulheres com alterações iniciais de CCU, na medida em que detecção e tratamento precoces foram reduzidos.

Palavras-chave: Neoplasias do Colo Uterino; Exame Colpocitológico; Doença por Coronavírus 2019-nCoV.

^{1,3,4,5}Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: pcmflorencio@gmail.com

²Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP). Parnaíba (PI), Brasil. E-mail: ladyjanemacedork@gmail.com

³E-mail: ph_beta@ufpi.edu.br

⁴E-mail: naaty.carvalho98@gmail.com

⁵E-mail: ivandoctor@gmail.com

Impacto da Pandemia de Covid-19, no Brasil, na Notificação de Óbitos por Neoplasia Maligna da Próstata

Felipe Henzo Carvalho Cerqueira¹; Gildemar da Silva Lustosa Junior²; José Freire Furtado Neto³; João Vitor Teixeira Freire de Oliveira⁴; Sara Batista Lima⁵

Introdução: No ano de 2020, o Brasil começou a enfrentar uma crise sanitária em decorrência da pandemia causada pelo vírus Sars-CoV-2. Devido a isso, a atenção dos sistemas de saúde foi voltada para o combate a essa enfermidade e em sua decorrência, possivelmente, houve subnotificação no número de óbitos por neoplasia maligna da próstata. **Objetivo:** Associar a queda pontual do número de óbitos por neoplasia maligna da próstata no Brasil, em 2020, a uma possível subnotificação de casos devido à pandemia de Covid-19. **Método:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, cujos dados foram obtidos por meio de consulta ao Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), no endereço eletrônico (<http://datasus.saude.gov.br/>), acessado em 21/04/2021. A população do estudo constitui-se pelos homens que vieram a óbito devido à neoplasia maligna da próstata, no Brasil, no período de 2014 a 2020. **Resultados:** De acordo com o DATASUS, no período de 2014 a 2019, houve um aumento médio anual de 156 óbitos por neoplasia maligna da próstata, no Brasil. Entretanto, em 2020, o número de óbitos, quando comparado ao ano anterior, reduziu em 351, contrapondo-se ao aumento anual do número de óbitos, que ocorria desde 2014. **Conclusão:** Dessa forma, podemos inferir que a crise sanitária brasileira decorrente da pandemia de Covid-19 pode ter resultado na subnotificação do número de óbitos por neoplasia maligna da próstata, em 2020, uma vez que justo nesse ano, não houve o acompanhamento do crescimento médio anual de óbitos que ocorria desde 2014. **Palavras-chave:** Epidemiologia; COVID-19; Neoplasias da Próstata; Notificação.

¹⁻⁴Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: felipehenzo@live.com

²E-mail: gildemarlustosa@ufpi.edu

³E-mail: jfreirefn@ufpi.edu.br

⁴E-mail: jvtfo17@gmail.com

⁵Hospital Beneficência Portuguesa. São Paulo (SP), Brasil. E-mail: sarabatistalima@gmail.com

Relação entre o Tratamento Quimioterápico e a Insuficiência Cardíaca: uma Revisão de Literatura

Rafael Santos Correia¹; Yasser da Silveira Krüger²; Andressa Carvalho Pereira³; Isabella Pires Gomes Mendes⁴; Elias de Carvalho Magalhães Neto⁵

Introdução: Um possível efeito colateral do tratamento quimioterápico é a insuficiência cardíaca. Nessa patologia, o coração não consegue bombear sangue adequadamente, deixando de suprir as necessidades do organismo. O aparecimento dessa complicação pode levar à interrupção do tratamento quimioterápico, impactando no prognóstico do paciente. **Objetivo:** Fazer revisão de literatura sobre a relação entre o tratamento oncológico e a insuficiência cardíaca. **Método:** Para selecionar os artigos, foram realizadas buscas em três bases de dados, PubMed, Lilacs e SciELO, no período entre 2011 e 2021, utilizando os descritores “heart failure”, “oncology” e “cardiotoxicity”. Ao total, encontraram-se 37 artigos, sendo 11 selecionados. Os critérios de exclusão foram artigos que não apresentaram descritores no título, resumo ou palavras-chave, fuga do tema, artigos não originais e duplicações. **Resultados:** Em geral, nos artigos analisados foi detectada uma baixa incidência de insuficiência cardíaca em pacientes tratados com epirrubicina, trastuzumabe, sorafenibe e sunitinibe, pertuzumabe e quimioterapia padrão com antraciclina e taxano. Entretanto, essa incidência, apesar de baixa, era aumentada quando comparada aquela observada durante o tratamento com quimioterapia não baseada em antraciclina. Outros efeitos cardiotoxícos foram observados, com maior relevância do que a insuficiência cardíaca, como derrame pericárdico e arritmias, além de aumento e piora dos casos de hipertensão. **Conclusão:** A literatura indica baixa incidência de insuficiência cardíaca durante quimioterapia, entretanto ainda há necessidade de monitorar possíveis efeitos cardiotoxícos mais frequentes no durante o tratamento oncológico. **Palavras-chave:** Insuficiência Cardíaca; Tratamento Oncológico; Quimioterapia.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: rafael0094@gmail.com

²E-mail: yasser.kruger@gmail.com

³E-mail: isabellapires@ufpi.edu.br

⁴E-mail: andressa_carvalho@ufpi.edu.br

⁵E-mail: elias.nt@hotmail.com

Impacto da Covid-19 no Rastreamento do Câncer Cervical: uma Revisão Integrativa

Marinice Saraiva Attem¹; Kerlany Oliveira Carvalho²; Luciana Eda Maximiano Hasegawa³; Vitória Meireles Veiga⁴; Mariana Oliveira Reis⁵

Introdução: A Organização Mundial da Saúde (OMS) estabeleceu metas para eliminação do câncer de colo de útero como um problema de saúde pública, através de um tripé intervencionista: vacinação, rastreamento por meio de testes moleculares e diagnóstico de lesões pré-cancerosas. No entanto, em 2020 a OMS anunciou uma pandemia global pelo novo coronavírus, ocasionando interrupções parciais da prevenção e diagnóstico da doença. **Objetivo:** Analisar o impacto da pandemia da Covid-19 no rastreamento do câncer de colo de útero. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura com base em artigos publicados de 2020 a 2021, nas bases de dados: PubMed, SciELO e Lilacs. **Resultados:** A pandemia da Covid-19 pode levar a um atraso das metas de eliminação do câncer, devido à diminuição dos testes de HPV disponíveis, gerada pela maior procura por exames diagnósticos para Sars-CoV-2. Ademais, outro agravante é a realocação de profissionais do rastreio para cargos de apoio epidêmico, contribuindo para a redução expressiva do número de lesões cancerosas diagnosticadas. Em contrapartida, acredita-se que a desaceleração do rastreamento pode ser recuperada através da reutilização de equipamentos, infraestrutura, inovações em sistema de testes moleculares e trabalhadores, após o maior controle da pandemia e consequente diminuição da demanda por testes de Covid-19. **Conclusão:** Assim, observa-se que apesar da pandemia ter efeito negativo no avanço do rastreamento do câncer cervical, coexiste a possibilidade da recuperação desses atrasos mediante a resolução das problemáticas e agilidade no reinício do rastreamento adequado.

Palavras-chave: Infecções por Coronavírus; Neoplasias do Colo do Útero; Programas de Rastreamento.

^{1,2,3,5}Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: mariniceattem@gmail.com

²E-mail: kerlanyoc@gmail.com

³E-mail: lu.emhasegawa@gmail.com

⁴Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil. E-mail: vitmei@hotmail.com

⁵E-mail: marianaoreis@hotmail.com

Impactos da Pandemia da Covid-19 nas Políticas de Rastreamento do Câncer Cervical: um Comparativo entre o Piauí e Parnaíba

Igor dos Santos Cavalcante¹; Luma Nunes Pereira da Silva²; Ana Vitória Meireles Veiga³; Francisco Enson Souza Gomes⁴; Lúcia Maria de Sousa Aguiar dos Santos⁵

Introdução: O câncer de colo de útero (CCU) é a terceira neoplasia de maior incidência entre a população feminina no Brasil. Todavia, quando descoberto precocemente, essa neoplasia pode ser prevenida e curada. Assim, o rastreamento precoce torna-se uma importante medida de saúde, a fim de detectar e tratar lesões escamosas pré-cancerosas que podem levar ao CCU. **Objetivo:** Analisar o perfil comparativo das políticas de rastreamento do CCU antes e durante a pandemia da Covid-19 em Parnaíba (PHB) e no Piauí (PI). **Método:** Trata-se de um estudo epidemiológico de caráter retrospectivo e observacional, com enfoque na saúde da mulher. Os dados foram coletados na plataforma DATASUS do Ministério da Saúde, analisando-se local de atendimento e recorte temporal de 2019 a 2020. **Resultados:** No ano de 2019, foram realizados 38.791.642 exames citopatológicos cervicais (EC) no estado do PI, enquanto 1.298.542 foram realizados apenas na cidade de PHB. Em contrapartida, o mesmo procedimento no ano de 2020 teve uma redução para 25.602.277 exames no PI e 813.113 em PHB. Estatisticamente, ocorreu um decréscimo percentual aproximado de 34% nos testes realizados no PI e 37,38% em PHB. **Conclusão:** A partir dos dados obtidos, percebe-se que houve uma redução substancial na quantidade de EC realizados, o que pode ser justificado pela vigência da pandemia, a qual prejudicou sobremaneira o rastreamento do câncer cervical. O impacto dessa diminuição traduz-se na exclusão de milhões de mulheres piauienses na rotina das políticas públicas de prevenção a esse tipo de neoplasia, deixando-as desassistidas e vulneráveis a potenciais riscos.

Palavras-chave: Câncer de Colo do Útero; Programas de Rastreamento; COVID-19.

¹⁻⁴Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: igorsc@live.com

²E-mail: lumanps0804@gmail.com

³E-mail: vitmei@hotmail.com

⁴E-mail: ensongomes1@gmail.com

⁵Centro Universitário UniFacid. Teresina (PI), Brasil. E-mail: lmsasantos@gmail.com

Principais Tratamentos Utilizados no Manejo do Osteossarcoma: Revisão de Literatura

Luis Antonio de Carvalho Tourinho¹; Eduardo Augusto Silva Apóstolos²; Daniel Gomes Veiga³; Julliana Emily Matos e Silva⁴; Deodato Narciso de Oliveira Castro Neto⁵

Introdução: O osteossarcoma é o tumor ósseo maligno primário mais comum em crianças e adolescentes, sendo o segundo maior causador de óbitos relacionados a neoplasias nessa faixa etária, haja visto sua alta capacidade metastática, geralmente nos pulmões. O sucesso do manejo do osteossarcoma é possível a partir de uma série de tratamentos a depender do caso. **Objetivo:** Esclarecer, por meio de uma revisão de literatura, os principais tratamentos utilizados no manejo do osteossarcoma. **Método:** Realizou-se uma revisão da literatura nas bases de dados PubMed e MEDLINE, utilizando-se os seguintes descritores na língua inglesa associados ao operador booleano “AND”: osteossarcoma, tratamento e quimioterapia. Selecionaram-se cinco artigos em língua inglesa, com data de publicação entre 2015 e 2020. **Resultados:** O sucesso do manejo do osteossarcoma requer cuidadosa coordenação de estudo do estadiamento, biópsia, cirurgia adequada, quimioterapia e radioterapia. Observa-se que o processo cirúrgico envolve a remoção completa de tumores e metástases existentes, para assim reduzir as recidivas e aumentar a sobrevida do paciente. Além disso, analisa-se que os principais fármacos utilizados no tratamento quimioterápico, atuam de modo a impedir a síntese de DNA e RNA e suas proteínas, sendo os medicamentos mais utilizados doxorubicina, metotrexato, isofosfamida, etoposídeo e cisplatina. **Conclusão:** Logo, cirurgia e quimioterapia continuam sendo as principais medidas a serem tomadas no manejo terapêutico. No entanto, apesar do avanço científico nas últimas décadas, a sobrevida dos pacientes foi pouco alterada. O conhecimento do assunto supracitado é importante para que durante a abordagem da equipe multidisciplinar obtenha-se o melhor resultado terapêutico.

Palavras-chave: Osteossarcoma; Tratamento; Cirurgia; Quimioterapia.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: l.f_3@hotmail.com

²E-mail: duduhigh@gmail.com

³E-mail: dgveiga@gmail.com

⁴E-mail: juemily10@gmail.com

⁵E-mail: deodatonarciso@hotmail.com

Desafios para o Diagnóstico Precoce do Câncer de Próstata no Brasil: Retrato de uma Década

Pedro Henrique Sales de Oliveira¹; Willian Silva Martins²; Igor José Paiva Leite³; Alanna Carvalho Gomes⁴

Introdução: No Brasil, o risco estimado do câncer prostático é em torno de 62,95 casos novos a cada 100 mil homens, tornando esta neoplasia a segunda com maior incidência em homens no país. **Objetivo:** Apontar os obstáculos do diagnóstico precoce do câncer prostático no Brasil da última década. **Método:** Foi realizada uma revisão sistemática, pelas bases de dados do Google Acadêmico e SciELO, utilizando em português as palavras-chave: diagnóstico precoce do câncer, desafios do diagnóstico de câncer, Política Nacional da Saúde do Homem. Os critérios de inclusão foram artigos relacionados ao tema proposto, publicados entre 2010 e 2020, nacionalmente. Foram excluídos artigos duplicados, citações, resumos, artigos indisponíveis, artigos de revisão e trabalhos de conclusão de curso. **Resultados:** Ao todo, 39 artigos foram encontrados. Após análise, 11 atendiam aos critérios de inclusão e foram selecionados. Os estudos demonstraram que, em meados de 2010, a maioria dos casos de negligência em relação aos exames de rastreamento de assintomáticos eram devidos a dois principais fatores: o preconceito do toque retal e as iniquidades no acesso a especialistas. Entretanto, na última década houve mudanças sociais em relação à masculinidade e evoluções no tratamento do câncer, diminuindo o preconceito em relação ao toque retal. **Conclusão:** Com o passar dos anos, o preconceito ao toque retal se mostrou um obstáculo superável, pois um número maior de homens o realiza. Porém, desigualdades em acesso e vulnerabilidades sociais ainda devem ser superadas.

Palavras-chave: Diagnóstico Precoce do Câncer; Câncer de Próstata; Câncer; Neoplasia.

¹⁻³Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: igorjosepaiva@hotmail.com

²E-mail: pedroliveirabachmed@gmail.com

³E-mail: nailliw_mr@hotmail.com

⁴Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina (PI), Brasil. E-mail: fisioterapeutaalanna@gmail.com

Perfil Epidemiológico do Câncer de Colo de Útero no Estado do Piauí no Período de 2016 a 2019

Diuliane Teixeira Pereira¹; Ester Almeida de Sousa²; Taís Souza da Silva³; Ruanis Anastácio de Almeida⁴; Daniela França de Barros⁵

Introdução: Segundo dados do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA), no ano de 2019, no Piauí, ocorreram 2.087 óbitos em decorrência de câncer do colo uterino. Este tipo é ocasionado principalmente por infecção persistente via subtipos oncogênicos do Papilomavírus Humano, transmitido sexualmente. **Objetivo:** Realizar o estudo epidemiológico do perfil de câncer de colo de útero no Estado do Piauí, através da coleta de dados do SISCAN. **Método:** Trata-se de um estudo epidemiológico de natureza descritiva e observacional realizado por meio da coleta de dados anuais expostos pelo Sistema de Informação do Câncer do Departamento de Informação e Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), referentes ao período entre 2016 e 2019, no estado do Piauí. As informações coletadas foram do número total de casos de câncer de colo, estratificando os tipos de neoplasia mais prevalentes. **Resultados:** A análise dos dados epidemiológicos aponta um total de 1.438 casos registrados de câncer de colo uterino, no período de 2016 a 2019. Quanto a progressão anual, o período de maior incidência foi entre 2016 e 2017, com 66 casos no primeiro ano, passando a 433 no segundo. Em relação aos subtipos, destacam-se as Neoplasias Benignas com 79,5% do total de casos, seguida da Neoplasia Intraepitelial Cervical Grau I com 6,31%. **Conclusão:** O presente estudo verificou a incidência do câncer de colo uterino no Estado do Piauí. Dentre os principais fatores, destacam-se desigualdades regionais no acesso aos serviços de saúde, falta de estratégias políticas no enfrentamento e continuidade das subnotificações.

Palavras-chave: Neoplasias; Gammmapapillomavirus; Estudos Transversais.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: diuly1801@gmail.com

²E-mail: esterprs043@gmail.com

³E-mail: sdstais@gmail.com

⁴E-mail: ruanis.radio@gmail.com

⁵E-mail: danielabarros@ufpi.edu.br

Transtornos e Afecções Envolvidos com a Perda de Cabelo em Mulheres no Tratamento contra o Câncer: Revisão de Literatura

Julliana Emily Matos e Silva¹; Tom Ravelly Mesquita Costa²; Andréia Ferreira dos Santos³; Isabella Pires Gomes Mendes⁴; Deodato Narciso de Oliveira Castro Neto⁵

Introdução: As neoplasias estão entre as principais causas de morte e adoecimento entre mulheres no século XXI. Junto a isso, uma das consequências das terapêuticas adotadas é a queda de cabelo, sendo associada a mudanças físicas, psicológicas e sociais. **Objetivo:** Compreender e identificar na literatura o impacto da alopecia induzida pela quimioterapia na vida das mulheres. **Método:** Realizou-se uma revisão da literatura, de caráter integrativo, elaborada por meio da pesquisa em bases de dados Medline, Lilacs e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os artigos foram analisados e selecionados de acordo com a metodologia do PRISMA, entre o período de 2011 e 2021. **Resultados:** Para o presente estudo, foram selecionados 14 artigos que atendiam aos critérios propostos. Nesses, a alopecia foi incluída nos efeitos do tratamento com maiores impactos negativos entre as mulheres, uma vez que vai de encontro a significados subjetivos e sociais da presença dos cabelos. A queda de cabelo está relacionada aos distúrbios de imagem que impactam a vida sexual, o trabalho e a sociabilidade, além de causarem ao sofrimento psíquico. Dentre as afecções mais comuns estão os transtornos de ansiedade, a baixa autoestima e a depressão. Além disso, parte dos estudos cita a dificuldade das pacientes no enfrentamento das mudanças físicas do tratamento. **Conclusão:** Depreende-se, portanto, que a alopecia é uma das causas de muitos sofrimentos psicossociais em mulheres no tratamento contra o câncer. Além disso, foram observados projetos essenciais direcionados a redução de danos como as doações de mechas para a confecção de perucas.

Palavras-chave: Neoplasias; Alopecia; Mulheres; Emoções; Qualidade de vida.

¹⁻⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: juemily10@gmail.com

²E-mail: tomravelly20@hotmail.com

³E-mail: andreia.uferreira@gmail.com

⁴E-mail: isabellapires@ufpi.edu.br

⁵E-mail: deodatonarciso@gmail.com

Uso do Ácido Ascórbico (Vitamina C) na Prevenção e Tratamento de Câncer

Ruth Santos Alencar¹; Danyela Maria Leal Rocha²; Isaac Alef Barbosa Gomes³; Maria da Graça Sales Furtado⁴; Even Herlany Pereira Alves⁵

Introdução: O ascorbato, Vitamina C ionizada, é considerado um agente redutor e antioxidante em concentrações fisiológicas, já na presença de íons metálicos catalíticos possui efeito reverso, tornando-se pró-oxidante. Ambos os estágios podem conter efeito positivo, sendo que a atuação sobre o tumor resulta da produção de peróxido de hidrogênio (H_2O_2), causando estresse oxidativo nas células tumorais, bem como da redução do Fator Induzível por Hipóxia (HIF).

Objetivo: Analisar a atuação do ascorbato na prevenção e tratamento do câncer. **Método:** Trata-se de uma revisão bibliográfica utilizando-se os bancos de dados PubMed e CAPES periódicos, para obtenção de explicações através de estudos publicados em inglês e português a partir de 2012. Utilizou-se os seguintes descritores: Ascorbate; Cancer; Vitamin C; Effects. Dos artigos analisados, cinco se adequaram aos critérios de elegibilidade. **Resultados:** Observou-se que o ascorbato é um importante aliado na prevenção de cânceres por possuir ação antioxidante e auxiliar o pleno funcionamento de enzimas. Em pacientes já acometidos, recorre-se à sua administração intravenosa para que haja autooxidação induzindo a produção de H_2O_2 . Uma vez que células cancerígenas não possuem catalase eficiente para remoção de H_2O_2 , sua maquinaria sofrerá danos, levando à redução progressiva do tumor. Níveis elevados de ascorbato está associado à baixa ativação de HIF, considerado promotor de tumor, reduzindo assim a agressividade cancerígena.

Conclusão: Nem todos os tumores sofrem regressão com o uso elevado de ascorbato por meio intravenoso, porém, sua efetividade em determinados casos não deve ser negligenciada. Portanto, ensaios clínicos devem ser realizados para detalhamento de sua ação adjuvante.

Palavras-chave: Ácido Ascórbico; Neoplasias; Antioxidantes.

¹⁻⁴Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: alencarruth11@gmail.com

²E-mail: danyleal6@gmail.com

³E-mail: msalesbiomed@gmail.com

⁴E-mail: isaacalefbg@ufpi.edu.br

⁵Rede Nordeste de Biotecnologia (Renorbio). Parnaíba (PI), Brasil. E-mail: evenherlany@ufpi.edu.br

Análise Epidemiológica das Internações Hospitalares por Neoplasia Maligna do Osso e Cartilagem Articular no Estado do Piauí de 2015 a 2020

Murilo Henrique Lima Mineiro¹; Andreza da Silva Gomes²; Lucas Ribas³; Nataniel França Carvalho⁴; Deodato Narciso de Oliveira Castro Neto⁵

Introdução: A neoplasia maligna do osso e da cartilagem articular pode ser classificada em tumores ósseos primários (desenvolvimento direto no osso normal) e em tumor ósseo secundário (origem em qualquer outro órgão e se dissemina para os ossos). Os tumores ósseos primários são raros quando comparados aos secundários, entretanto são mais comuns entre crianças e adolescentes. **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico dos casos de neoplasia maligna do osso (NMO) e cartilagem articular (NMC), no estado do Piauí, no período de 2015 a 2020. **Método:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, quantitativo e retrospectivo; os dados foram obtidos no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). População do estudo: internações hospitalares referentes NMO e NMC, de ambos os sexos e diferentes faixas etárias. **Resultados:** Ocorreram um total de 1.390 casos, sendo 758 do sexo masculino (54%) e 632 do sexo feminino (46%). Faixa etária em anos do número de casos: menor de 1 ano (2); 1-4 (81); 5-9 (168); 10-14 (395); 15-19 (376); 20-29 (91); 30-39 (55); 40-49 (65); 50-59 (57); 60-69 (56); 70-79 (35); 80 anos ou mais (9). **Conclusão:** Observa-se que esse tipo de câncer possui maior ocorrência no sexo masculino, sobretudo, em crianças na faixa etária de 10 a 14 anos (28%) e em adolescentes de 15 a 19 anos (27%), em virtude das alterações nas células embrionárias primitivas e imaturas, isto é, na fase de crescimento. Desse modo, constata-se a necessidade de otimizar estratégias para diagnóstico precoce e tratamento adequado dessa população infantojuvenil. **Palavras-chave:** Neoplasias Ósseas; Epidemiologia; Prevalência; Adolescente; Criança.

⁵Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba (PI), Brasil.

¹E-mail: murilohlmineiro@outlook.com

²E-mail: andrezamaranta16@gmail.com

³E-mail: luribas24@gmail.com

⁴E-mail: natanielfrancaacad@gmail.com

⁵E-mail: deodatonarciso@hotmail.com